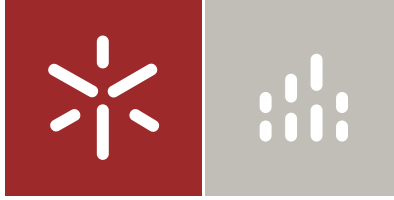


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Cláudia Manuela Álvares Fernandes | Processos de melhoria social:
a requalificação do Bairro Social de Santa Tecla

Cláudia Manuela Álvares Fernandes

Processos de melhoria social:
a requalificação do Bairro Social de Santa Tecla



Universidade do Minho
Escola de Arquitectura

Cláudia Manuela Álvares Fernandes

Processos de melhoria social:
a requalificação do Bairro Social de Santa Tecla

Dissertação de Mestrado
Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao
Grau de Mestre em Arquitectura

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor José Manuel Couto Ramos Capela

Anexo 3

DECLARAÇÃO

Nome

Cláudia Manuela Álvares Fernandes

Endereço electrónico: cl.alvares.fe@gmail.com Telefone: 910404480 / _____

Número do Bilhete de Identidade: 13806989

Título dissertação /tese

“Processos de melhoria social: a requalificação do Bairro Social de Santa Tecla”

Orientador(es):

José Manuel Couto Ramos Capela

_____ Ano de conclusão: 2015

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Mestrado Integrado em Arquitectura

Nos exemplares das teses de doutoramento ou de mestrado ou de outros trabalhos entregues para prestação de provas públicas nas universidades ou outros estabelecimentos de ensino, e dos quais é obrigatoriamente enviado um exemplar para depósito legal na Biblioteca Nacional e, pelo menos outro para a biblioteca da universidade respectiva, deve constar uma das seguintes declarações:

1. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;
2. É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE/TRABALHO (indicar, caso tal seja necessário, nº máximo de páginas, ilustrações, gráficos, etc.), APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, , MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;
3. DE ACORDO COM A LEGISLAÇÃO EM VIGOR, NÃO É PERMITIDA A REPRODUÇÃO DE QUALQUER PARTE DESTA TESE/TRABALHO

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A investigação que se apresenta não teria sido possível sem a disponibilidade e partilha de informação por parte dos técnicos da *BragaHabit* e dos técnicos da Geração Tecla. Também a disponibilidade dos residentes do Bairro, dos residentes da envolvente, dos universitários, dos funcionários do Complexo residencial de Santa Tecla da Uminho, e do agente da Polícia Judiciária, contribui para o desenvolvimento deste trabalho.

Por outro lado, agradeço também à “Dream Team”, mas concretamente à Joana, ao Paulo, ao Fernando e ao Michael por me terem dado os conselhos certos, ao Zé, à Joana Araújo, à Inês Jerónimo, e às Manuelas, pelo apoio.

RESUMO

“Os bairros são entidades sociais complexas, multiformes, dinâmicas, de geometria variável, dependentes de relações, de situações e de representações que alimentam diversas formas de interação social”¹. Os bairros são também espaços definidos por todas as pessoas que os habitam, pelo sentido de pertença ao lugar, e pelo sentimento de comunidade. Quando espacialmente isolados e associados a problemas sociais, resultam em espaços problemáticos, de difícil gestão, potenciando a imagem negativa atualmente marcada ao conceito de *bairro social*.

A investigação que se apresenta procura compreender que processos e metodologias pode a arquitetura aplicar para a desenclavagem social e espacial de um bairro social, como forma de projeto de requalificação, promovendo a integração social e melhoria de condições de vida da população.

Para tal foi selecionado como caso de estudo o Bairro Social de Santa Tecla em Braga. A partir da análise bibliográfica segue-se um conjunto de teorias e recomendações de autores como Jane Jacobs, Bill Hillier, Nuno Portas, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, entre outros. Ao entrevistar técnicos locais, moradores do bairro e da envolvente, foi possível sistematizar as principais necessidades, preocupações e problemas. Desta forma percebe-se que o estigma social associado a este Bairro se deve essencialmente à presença de tráfico e consumo de droga, que conseqüentemente provoca a insegurança sentida pelos moradores do Bairro, mas também pela população residente da envolvente e em geral. Porém, este caso torna-se especialmente problemático devido à sua organização espacial em *cul-de-sac*, e o seu encerramento pelos edifícios e muros da envolvente. O bairro apresenta-se assim como um enclave social e espacial, com problemas sociais, urbanísticos e arquitetónicos que se potenciam entre si.

Como conclusão da investigação é proposta uma metodologia de princípios orientadores para o projeto de requalificação, baseando-se principalmente na requalificação do espaço público, na introdução de equipamento e programa necessários, e na revitalização do sentido de comunidade, numa simbiose entre a sociologia e a arquitectura.

Palavras Chave: bairro social, Habitação Apoiada pelo Estado, gueto, enclave social, ciganos, espaço público, cul-de-sac, comunidade.

¹ Mendes, M. M., Ferreira, C. H., Sá, T., & Crespo, J. L. (2012). *A Cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio.

ABSTRACT

“Neighborhoods are complex, multiform, dynamic, social entities, of variable geometry and dependent on relationship, situations and representations which in turn fuel various forms of social interaction”¹. Neighborhoods are also places defined by all those who inhabit it, through their sense of belonging, and sense of community. When especially isolated and associated with social-related problems, they become troublesome, hard-to-manage places and thus enhancing the negative image today associated with the concept of ghetto.

The investigation presented here looks to understand what processes and methodologies might architecture apply towards the social and spacial unlocking of a neighborhood, as a form of requalification, promoting social re-integration and improving the population’s well-being.

For such, our case-study focuses on the Santa Tecla Neighborhood, in Braga. From a thorough bibliographical research, we present a collection of theories and recommendations from authors such as Jane Jacobs, Bill Hillier, Nuno Portas, the National Laboratory of Structure Engineering, among others. From interviews with the local technicians, several residents from the neighborhood and from the surrounding areas, we were able to systematize their main needs, worries and problems. This way, we were able to understand the social stigma usually associated with the neighborhood was mainly due to drug trafficking and consumption, which in turn promotes this sense of insecurity felt both by residents and the surrounding population alike.

However, this becomes a specially problematic case given the neighborhood’s *cul-de-sac* organization, as well as its relative spacial isolation by the surrounding buildings and walls. Thus, the neighborhood presents itself as kind of a social and spacial enclave, with social, urban and architectural problems potentiating each other.

As a conclusion, our investigation proposes a goal-oriented methodology for the requalifying project, based mainly on the requalification of public spaces, the introduction of much needed equipment and programs, as well as the revival of the sense of community, in a symbiosis of sociology and architecture.

Key Words: Neighborhood, State-supported Housing, ghetto, social enclave, gypsies, public spaces, *cul-de-sac*, community.

¹ Mendes, M. M., Ferreira, C. H., Sá, T., & Crespo, J. L. (2012). *A Cidade entre Bairros*. Lisboa: Caleidoscópio.

INDICE

INTRODUÇÃO.....	15
OBJECTIVOS.....	19
METODOLOGIA.....	21
1_SUPORTE TEÓRICO.....	23
2_O BAIRRO.....	35
2.1_Localização	35
2.2_Características e composição do Bairro.....	37
2.3_Enquadramento histórico.....	39
2.4_Enquadramento urbano	45
3_A POPULAÇÃO	51
3.1_Características da população	51
3.2_A perceção do Bairro pelos moradores.....	52
3.3_A perceção do Bairro pelos atores locais	53
3.4_A perceção do Bairro pelos moradores da envolvente.....	54
3.5_Permanência e circulação.....	57
4_OS PROBLEMAS.....	63
4.1_Os problemas sociais.....	63
4.2_Os problemas urbanísticos e arquitetónicos	65
4.2.1_A envolvente, a circulação e o espaço público	66
4.2.2_Acesso às habitações.....	67
4.2.3_Relação interior-exterior.....	71
4.3_Os sintomas dos problemas sociais e arquitetónicos	73
5_A INTERVENÇÃO	77
5.1.1_Para o uso livre do espaço público	79
5.1.2_Para a densidade populacional.....	81
5.1.3_Para a vitalização da comunidade	83
5.2_As soluções	87
5.2.1_Para a previsibilidade do espaço	87
5.2.2_Para a atração de população.....	91
5.2.3_Para o contacto social e sentimento de comunidade.....	105

CONCLUSÕES.....	113
ANEXOS	Erro! Marcador não definido.
ANEXO1: ENTREVISTAS.....	Erro! Marcador não definido.
1.1_Entrevista à Assistente Social do Bairro de Santa Tecla...	Erro! Marcador não definido.
1.2_Entrevista ao técnico do Departamento de Projetos e Obras da BH..	Erro! Marcador não definido.
1.3_Entrevista aos técnicos da Geração Tecla	Erro! Marcador não definido.
1.4_Entrevista aos funcionários do Complexo residencial de Santa Tecla da Universidade do Minho.....	Erro! Marcador não definido.
1.5_Entrevista a agente da Polícia Judiciária	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 2: QUESTIONÁRIOS	Erro! Marcador não definido.
2.1_Questionário aplicado aos residentes do Bairro.....	Erro! Marcador não definido.
2.2_Questionário aplicado aos residentes da envolvente.....	Erro! Marcador não definido.
2.3_Questionário aplicado aos residentes do Complexo Universitário	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3: PEÇAS DESENHADAS.....	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.1_Planta de coberturas à escala 1.1000	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.2_ Planta de coberturas à escala 1.500	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.3_Planta do piso 1 à escala 1.500	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.4_ Planta do piso 0 à escala 1.500.....	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.5.1_Cortes AA e BB à escala 1.500	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.5.2_Cortes CC e DD à escala 1.500	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.6_ Planta de coberturas à escala 1.200	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.7_ Planta do piso 1 à escala 1.200.....	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.8_ Planta do piso 0 à escala 1.200.....	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.9_Cortes EE e FF à escala 1.200	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.10_ Cortes EE e FF à escala 1.200.....	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.11_ Cortes EE e FF à escala 1.200.....	Erro! Marcador não definido.
ANEXO 3.12_ Pormenor construtivo à escala 1.10.....	Erro! Marcador não definido.
BIBLIOGRAFIA.....	Erro! Marcador não definido.

INDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Planta de localização com indicação dos principais equipamentos de braga. Localização do Bairro de Santa Tecla com um círculo vermelho.	34
Figura 2 – Imagem satélite axonométrica da envolvente do Bairro. Localização do Bairro a vermelho. In Bing Maps	36
Figura 3 - Planta dos equipamentos e serviços mais próximos do Bairro	36
Figura 4 – Imagem satélite axonométrica da envolvente mais próxima do Bairro. Localização do Bairro com mancha vermelha. Localização do Complexo Universitário a traço vermelho interrompido.	38
Figura 5 - Imagem satélite ortogonal do Bairro de Santa Tecla. Identificação dos blocos e dos acessos. Localização do Complexo Universitário a traço vermelho interrompido.	38
Figura 6 - Planta Militar dos anos 80. Localização dos acampamentos das Lajes e do Fujacal. Localização do Bairro Operário de Santa Tecla.	40
Figura 7 - Planta do ano de 1936. Localização do Bairro Operário de Santa Tecla com mancha vermelha. Localização do Bairro Social de Santa Tecla com mancha a cinzento.....	40
Figura 8 - Planta do ano de 1936. Localização do Bairro Social de Santa Tecla. Indicação dos edifícios já existentes em 1936 e que ainda hoje existem.in Câmara Municipal de Braga	41
Figura 9 - Planta do ano de 1968.Localização do Bairro Social de Santa Tecla.in Câmara Municipal de Braga	41
Figura 10 -Planta do projeto para o Bairro Social de Santa Tecla.Desenho de 1979.in BragaHabit	42
Figura 11 - Planta de 1994. Indicação a cinzento dos edifícios já existentes em 1994.In Câmara Municipal de Braga.....	42
Figura 12 - Planta síntese das datas de construção dos edifícios envolventes.	44
Figura 13 - Planta da circulação automóvel e pedonal	46
Figura 14 - Imagens sequenciais da Rua Nascente. in Google Street View.....	48
Figura 15 -Planta da estrutura e tratamento do espaço exterior.	49
Figura 16 - Planta do Bairro com a indicação dos espaços de permanência, dos percursos quotidianos, e com a indicação dos grupos de população	56
Figura 17- Imagens do espaço de permanência número 2 - acesso principal	58
Figura 18 - Imagens do espaço de permanência número 6 - "zona a Nordeste do bloco 2, que funciona como "sala de chuto" ao ar livre	58
Figura 19 - Imagem do espaço de permanência número 5 - bancos exteriores. In Google Street View	58

Figura 20 - Imagem do espaço 2 - bancos exteriores	58
Figura 21 - Imagem do espaço 4 - Casa de Culto.....	58
Figura 22 - Imagem parcial do cul-de-sac do bairro. Espaço de permanência número 3 – entradas bloco 3. <i>In Google Street View</i>	60
Figura 23 - Fotomontagem do espaço de permanência número 1 - acesso informal a Sudoeste.....	60
Figura 24 - Imagem do espaço de permanência número 1 - acesso informal a Sudoeste. in Google Street View.....	60
Figura 25 - Fotomontagem do campo de jogos existente no Bairro.....	60
Figura 26- Planta do Bairro Social de Santa Tecla e envolvente.....	64
Figura 27 - Imagem satélite do Bairro Social de Santa Tecla. <i>in Google Maps</i>	64
Figura 28- Planta do Bairro à cota do piso do rés-do-chão à escala 1.2000.....	68
Figura 29 - Planta do Bloco 2 à cota do Rés-do-Chão à escala 1.200.....	68
Figura 30- Imagens das entradas-tipo dos blocos do Bairro.....	68
Figura 31 - Imagem dos alçados-tipo frontal, posterior e lateral dos blocos do Bairro.....	70
Figura 32 - Imagem (1) do interior da cozinha de um apartamento do Bairro.....	70
Figura 33 -Imagem (2) do interior da cozinha de um apartamento do Bairro.....	70
Figura 34 - Indicação da posição das figuras 30 e 31.....	70
Figura 35 – Vandalismo.....	72
Figura 36- Entradas de blocos e percursos pedonais com presença de lixo casual.....	72
Figura 37 -Lixo casual e acumulado.....	72
Figura 38 - Lixo casual e vandalismo.....	72
Figura 39 - Lixo casual e acumulado.....	72
Figura 40 - Vandalismo e lixo acumulado.....	72
Figura 41 - Lixo casual e acumulado.....	72
Figura 42 - Vandalismo e lixo acumulado.....	72
Figura 43 - Planta com a indicação dos sintomas dos problemas sociais e arquitetónicos.....	74

Figura 44 –Indicação a vermelho dos elementos verticais a demolir nas entradas comuns dos edifícios.....	93
Figura 45 - Planta com indicação das medidas para melhorar a previsibilidade do espaço.....	94
Figura 46 – Planta de coberturas da proposta.....	99
Figura 47 – Planta do piso 1 da proposta.....	101
Figura 48 – Planta do piso 0 da proposta.....	103
Figura 49 – Núcleo Sul (1) Zona Este. Edifício do café, mercearia e biblioteca à esquerda, e entrada para a sala dos técnicos à direita.....	105
Figura 50 – Núcleo Sul (1) Acesso em escadas à biblioteca. Passagem à esquerda, para o café e mercearia.....	105
Figura 51 – Café e mercearia.....	106
Figura 52 – Esplanada do café. Zona Oeste do núcleo Sul (1).....	106
Figura 53 – Café.....	107
Figura 54 – Entrada para a biblioteca.....	107
Figura 55 – Biblioteca - Zona de computadores, zona de disposição de livros e revistas, zona de leitura.....	108
Figura 56 – Biblioteca.....	108
Figura 57 – Núcleo Norte (2) – Edifício dos usos recreativos	109
Figura 58 – Entrada principal do edifício dos usos recreativos	109
Figura 59 – Edifício dos usos recreativos.....	109
Figura 60 – Entrada principal do edifício dos usos recreativos.....	110
Figura 61 – Entrada principal do edifício dos usos recreativos.....	110
Figura 62 – Entrada principal do edifício dos usos recreativos.....	111
Figura 63 – Sala polivalente e ginásio.....	111
Figura 64 – Campo de jogos exterior.....	111
Figura 65 – Entradas comuns do bloco 3.....	116
Figura 66 – Novos pontos de contacto entre exterior e interior. Bloco 3.....	116
Figura 67 – Entradas comuns do bloco 3.....	117
Figura 68 – Bloco 3 e zona de estar e convívio associada ao programa habitacional.....	117
Figura 69 – Hortas urbanas e jardins privados Bloco 3.....	117

Figura 70 – Sala dos técnicos da <i>Geração Tecla</i>	118
Figura 71 – Entrada para a <i>Casa de Culto</i>	118
Figura 72 – <i>Casa de Culto</i>	119
Figura 73 – Praça central.....	119
Figura 74 – Centro de Reabilitação e rampeado.....	120
Figura 75 – Centro de Reabilitação.....	120

INTRODUÇÃO

“There is a wistful myth that if only we had enough Money to spend (...) we could wipe out all our slums in ten years, reverse decay in the great, dull, grey belts that were yesterday’s and the day before yesterday’s suburbs, anchor the wandering middle class and its wandering tax Money, and even solve the traffic problem. But look what we have built with the first several millions”¹

Segundo Nuno Portas, a implantação de *Habitação Apoiada pelo Estado* (HAE), em Portugal, prende-se em obstáculos administrativos e fundiários, falhando no planeamento de pormenor, o que resulta em aglomerados habitacionais isolados em periferias², e mal articulados pelo tecido urbano envolvente de construção posterior. Esta desarticulação tem dificultado todo o processo de inserção social da população residente, normalmente constituída por minorias étnicas. No caso de Braga, esta vulnerabilidade do espaço habitacional apoiado pelo Estado associa-se à fraca integração social da minoria étnica cigana, sendo esta a minoria com maior expressão na cidade. Fortemente associada a um baixo nível de escolaridade e níveis de desemprego e emprego precário elevados, os elementos desta comunidade são vistos como *“quase sempre ligados a fenómenos de conflitualidade social, marginalidade, delinquência e carência de formação cívica, associados à ausência de um sentimento de pertença, inércia social e baixos níveis de organização social”³*.

Quando se agregam estes problemas sociais a “arquipélagos casuais”⁴ construídos em terrenos de “fácil aquisição”⁵, criam-se enclaves sociais. Estes espaços habitacionais acabam por ficar segregados do tecido urbano envolvente, tanto pelo mau planeamento prévio à construção, como pela construção envolvente posterior que procura virar costas aos espaços problemáticos. Por sua vez, a segregação espacial potencia a segregação social, o que dificulta a melhoria de condições de vida da população desfavorecida, reafirmando a enclavagem do lugar. Assim resultam espaços evitados pela

¹ (Jacobs, 1961) - *The Death and Life of Great American Cities*, (1984). England: Penguin Books.

² Portas, N. (2012). *Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer*. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho – *Sobre os Conjuntos Habitacionais* (1999)

³ (Miguez, 2000) *1º Fórum Internacional de Urbanismo . Requalificação urbana de Bairros Sociais - Gestão integrada do Parque Habitacional do IGAPHE* (pp. 27-34) p.39

⁴ Portas, N. (2012). *Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer*. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho – *Sobre os Conjuntos Habitacionais* (1999)(pp. 155-189) p.167

⁵ Portas, N. (2012). *Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer*. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho – *Sobre os Conjuntos Habitacionais* (1999)(pp. 155-189) p.167

população em geral, aos quais popularmente se associa o estigma do “Bairro Social”, conceito atualmente pejorativo.

Com estes pressupostos torna-se necessária uma requalificação do tecido urbano afetado, que seja capaz de desenvolver processos contínuos de “desenclavagem”¹ dos conjuntos habitacionais problemáticos. Propõe-se investigar um Bairro Social da cidade de Braga, para uma análise mais pormenorizada dos problemas sociais e espaciais, ensaiando uma proposta de projeto realista. Com base na organização espacial e implementação de usos específicos do espaço público, e em forma de projeto de arquitetura, esta proposta de requalificação deve também ser capaz de promover a integração social e melhoria de condições de vida da população residente.

Opto desenvolver esta investigação em Braga, onde nasci e sempre vivi, pela familiaridade natural à cidade, à sua população, aos seus problemas sociais e espaciais. A partir de entrevistas informais com técnicos da *BragaHabit*, e dentro das várias possibilidades de casos de estudo em Braga, escolhe-se analisar o Bairro de Santa Tecla por ter sido identificado pelos técnicos como o bairro social mais problemático na cidade, e com maior urgência de requalificação. Por outro lado, é também o maior bairro social da cidade, com um maior número de fogos e de área.

Esta investigação foi organizada em quatro capítulos principais: “O Bairro”, “A População”, “Os Problemas” e “A Intervenção”. Antes destes capítulos introduz-se o capítulo “Suporte Teórico” onde se explicam todos os princípios e teorias de autores estudados para uma proposta de intervenção mais refletida.

Assim, inicia-se a análise do caso de estudo com o capítulo “O Bairro”, onde se apresentam informações básicas como a localização, caracterização e composição, enquadramento histórico e urbanístico. Para o desenvolvimento do capítulo “A População” parte-se da análise de conteúdos dos *media* sobre o Bairro, a partir dos quais é possível identificar o sentimento de descontentamento dos moradores em relação ao estado de degradação do Bairro e das habitações³, mas também em relação ao tráfico de droga⁴. De seguida foi feito um diagnóstico detalhado a partir da observação do local, de inquéritos aos moradores do Bairro e da zona residencial envolvente, e de entrevistas aos técnicos responsáveis pela gestão do Bairro. Este trabalho permitiu não só compreender a perceção relativa

¹ Processo de inversão de situações de enclave social e/ou urbano

² A *BragaHabit* é a entidade que atualmente gere o mercado habitacional social em Braga, promovendo também campanhas e atividades para a melhoria das condições de vida da população mais desfavorecida, incidindo principalmente nos bairros sociais da cidade.

³ (Cerqueira, 2014)

⁴ (Costa, 2008)

ao Bairro por parte de todos estes atores, como também todo seu o movimento quotidiano dentro do Bairro como na envolvente, sendo possível a identificação de padrões de movimentos associados a grupos populacionais.

A observação no local permitiu também desenvolver o capítulo “Os Problemas” onde se enumeram e analisam os problemas sociais, urbanísticos e arquitetónicos a partir dos seus sintomas, como: lixo casual e acumulado, destruição de equipamento exterior comum, de mobiliário urbano e de propriedade privada para ocupação ilegal. O lixo e sujidade no espaço exterior do Bairro atingem níveis elevados de insalubridade, representando um perigo para a saúde pública pelo tipo de lixo existente, como seringas utilizadas para o consumo de estupefacientes. O tráfico e consumo de droga constitui o problema mais grave desta zona residencial, ao provocar insegurança nos residentes do Bairro¹ pela proximidade aos estupefacientes, mas também um medo generalizado na liberdade de expressão do descontentamento.

Esta sensação de insegurança relacionada com o tráfico de droga é também sentida por parte dos residentes da envolvente. Porém está mais relacionada com os assaltos às habitações por parte dos consumidores de estupefacientes que vão comprar ao Bairro, e que circundam diariamente em toda a zona residencial alargada. Ao associar diretamente a um conjunto habitacional os problemas sociais como os assaltos e o tráfico e consumo de estupefacientes cria-se, conseqüentemente, um conjunto de estigmas catalisadores de segregação social, que se agrava quando relacionada com uma minoria étnica.

As intervenções de reparação, manutenção e requalificação, assumidas pela entidade responsável por este empreendimento, traduzem-se na pintura de fachadas, na introdução de mobiliário urbano, substituição de campainhas e caixilharias de entradas comuns, recolha coletiva de resíduos sólidos ou tratamento de espaços exteriores, mas mostram-se ineficientes pela reincidência dos danos², dado o seu carácter pontual e localizado. Estas ações limitadas, apenas ocultam individualmente os sintomas da presença dos problemas sociais, “*votadas ao fracasso a médio ou mesmo curto prazos*”³, sendo então necessárias respostas profundas e estruturadoras, capazes de obter resultados ao nível da organização global do espaço, e ao nível social da rede local de vizinhança⁴.

¹ (Correio da Manhã, 2015) - (23 de Abril de 2015). *Medo em Bairro em Braga*.

² (Ferreira, 2005)

³ Cabrita, A. M., A. B., & Freitas, M. J. (2000). *Gestão integrada de parques habitacionais de arrendamento público : guião recomendativo*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil, p.100

⁴ (Cerqueira, 2014) - (11 de Dezembro de 2014). *Reabilitação do Bairro Social de Santa Tecla aguarda fundos comunitários*.

Por último desenvolve-se o capítulo “A Intervenção” onde é apresentada a metodologia de princípios pelos quais a proposta de requalificação do Bairro se orienta, justificando e explicando todas as opções do projeto. Esta intervenção apoia-se essencialmente na reformulação do espaço público, procurando através de um programa funcional estimular o contacto social entre diversas populações.

OBJECTIVOS

A partir da identificação dos problemas associados ao Bairro, desenvolveu-se o objetivo fundamental desta investigação: a criação de uma proposta de requalificação. Assim, exploraram-se as causas subjacentes relacionadas com a estrutura espacial do conjunto habitacional e com as circunstâncias sociais, e procuraram otimizar-se soluções que corrijam os problemas a longo prazo. Tendo em consideração a população à qual se destina, a proposta parte da reformulação do espaço público, tornando-o mais acessível de modo a dificultar a ocorrência de atos transgressivos e negligentes. Para garantir a eficácia da requalificação proposta a longo prazo, pretende-se também a implantação de estratégias que incentivem a integração social e que assim potenciem a melhoria das condições de vida, não só dos residentes do Bairro, como também da população bracarense em geral. Desta forma, a metodologia é baseada numa articulação muito próxima entre a sociologia, que propõe as estratégias a concretizar e define os programas funcionais a considerar, e a arquitetura que define a organização do espaço em função do programa proposto, e de princípios que a orientam e justificam.

Deliberadamente, optou-se por não investigar os motivos e causas que justificam a ocorrência dos comportamentos transgressivos e negligentes, sendo esse estudo pertinente à área sociológica, extravasando o âmbito deste projeto. Assim, propõem-se soluções fundamentadas em investigações referentes a áreas de arquitetura, sociologia, urbanismo e antropologia do espaço de autores internacionais e nacionais. Estes autores apresentam propostas e recomendações que favorecem a diminuição da ocorrência de comportamentos transgressivos e negligentes, potenciando a interação e a coesão social da população local.

A estratégia de intervenção definida passa pela correção a longo prazo dos problemas existentes, proporcionando também processos de mobilidade social ascendente, capazes de dinamizar o espaço público, devolver a sensação de segurança e sentido de comunidade, a um espaço residencial segregado e desmotivado. Assim, esta investigação tem como principais objetivos:

1. Contribuir para a compreensão da articulação das dinâmicas sociais com o espaço dos conjuntos habitacionais apoiados pelo Estado;
2. Contribuir para mitigar o estigma associado ao conceito de bairro social;
3. Identificar os problemas sociais e arquitetónicos existentes no Bairro de Santa Tecla, relacionando-os entre si;

4. Sistematizar as principais necessidades, preocupações e exigências dos diferentes intervenientes na vida quotidiana do bairro: moradores, técnicos e vizinhos;
5. Compreender as possibilidades espaciais de integração e “desenclavagem” do lugar na relação com a envolvente;
6. Promover a integração social e melhoria de condições de vida da população residente através da arquitetura, com uma apropriada organização espacial e com a implantação de usos específicos.

METODOLOGIA

O caso de estudo do Bairro de Santa Tecla foi selecionado a partir de entrevistas informais com agentes que gerem o mercado de habitação social em Braga, que o identificam como o Bairro atualmente mais problemático. Desta forma obteve-se informação sobre a variedade dos problemas do Bairro, como: a articulação com o tecido urbano, a segregação social da comunidade cigana e não cigana, o tráfico e consumo de estupefacientes, a degradação da construção e a sua grande dimensão.

Esta investigação, ao pretender desenvolver uma proposta de intervenção eficaz, apoiou-se numa metodologia focada na identificação dos problemas existentes. Assim, aplicaram-se métodos qualitativos e quantitativos: questionários e entrevistas, em contacto direto com a população residente e agentes dinamizadores locais e a análise e caracterização do espaço físico. Esta análise foi acompanhada com pesquisa bibliográfica sobre criminalidade e insegurança em conjuntos habitacionais, requalificação de conjuntos habitacionais de custos controlados, processos de integração e coesão social de minorias étnicas a nível internacional e nacional, e sobre a cultura e população cigana em Portugal.

Para a identificação dos problemas sociais, procedeu-se à análise da população, categorizando diferentes grupos-tipo de residentes, de modo a entender a relação social entre a população local, e a relação destes com o espaço público. Esta fase do processo partiu de pesquisa documental e estatística existente, e com a aplicação de inquéritos por questionário de respostas fechadas, e administração indireta, como sugerido pela Assistente Social do Bairro. Tentou garantir-se uma amostra capaz de captar as opiniões dos diversos grupos sociais e etários, procurando também um diálogo com o inquirido que ultrapassasse o limite da resposta fixa, com respostas mais refletidas. Recorreu-se também ao método da entrevista presencial e semidirigida a agentes dinamizadores locais, como técnicos da *BragaHabit*, da Segurança Pública, e de Associações locais como a *Geração Tecla* - com projetos dirigidos à comunidade cigana -, para melhor entender os problemas existentes e as possíveis soluções apontadas pela sociologia, capazes de serem fomentadas pela arquitetura.

Por razões pessoais dos entrevistados, não se obteve qualquer tipo de registo sonoro ou visual, mas apenas escrito. Para manter a privacidade dos residentes, as fotos que se disponibilizam das habitações, não são identificadas. Os questionários aos estudantes universitários residentes foram feitos via internet, segundo formulários do *Google Docs*, e divulgados a partir da rede social *Facebook*, no grupo

intitulado *Residências Universitárias de Santa Tecla*. Após uma primeira experiência in loco, concluiu-se que esta opção permitiria salvaguardar a privacidade dos inquiridos obtendo respostas mais próximas da realidade do que as expectáveis através de contacto pessoal. Os questionários aos residentes da envolvente foram feitos por via telefónica, facilitando a abordagem e a disponibilidade de resposta, em comparação ao método do contacto direto à porta da habitação. Para os questionários à população residente, foram abordadas diretamente as pessoas que circulavam pelo espaço exterior do Bairro.

De forma a propor soluções adequadas à população residente, estudou-se a cultura cigana portuguesa e, pormenorizadamente, a residente no Bairro, não só a partir de entrevistas e questionários, mas também a partir de bibliografia que aborda a história desta comunidade em Portugal. Estudaram-se os seus costumes e tradições¹ e o desenvolvimento de processos de exclusão social e a coexistência interétnica relativa a vários níveis de espaço público e as relativas representações sociais². Analisaram-se ainda os processos de inclusão social, passando pela saúde, educação e habitação nos vários distritos portugueses³, de modo a situar o caso de Braga no contexto português.

Foi também analisada a evolução histórica do lugar a fim de perceber as lógicas de evolução urbana aplicadas no projeto do Bairro, como também nas construções envolventes. Esta análise foi efetuada a partir de entrevistas informais a antigos residentes da zona de Santa Tecla, onde viviam à data de construção do Bairro. Desta forma foi possível perceber os motivos que levam à implantação do Bairro no local atual, e a importância dos problemas e dos estigmas sociais associados ao Bairro Social, que provocam certas atitudes na forma como é articulada a circulação viária e pedonal, e na forma como são implantados os edifícios envolventes de construção posterior ao Bairro.

¹ Nunes, O. (1996). *O Povo Cigano*. Lisboa: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

² Fonseca, E., Marques, J., Quintas, J., & Poeschl, G. (2005). *Representações sociais das comunidades cigana e não cigana - Implicações para a integração social*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas

³ European Roma Rights Centre. (2006). *Os Serviços Sociais ao Serviço da Inclusão Social: O caso dos ciganos*. Budapeste: ERRC/Numena

1_SUPORTE TEÓRICO

A investigação teórica deste trabalho assenta principalmente na perceção da relação da forma urbana com o comportamento social, associada a conjuntos habitacionais problemáticos. Para tal, exploram-se temas como vigilância natural, a rede de contacto social, a insegurança, o sentimento de pertença e identificação com o espaço habitacional para a integração e coesão social. De forma mais aprofundada, foram exploradas possíveis soluções, a partir de exemplos identificados nesses textos como positivos ou negativos, a nível internacional e nacional. A partir de análises sociais e morfológicas - de carácter hipotético, analítico, qualitativo e quantitativo – de diversos autores, foi possível sistematizar indicações, exigências, normas e sugestões de como proceder para a requalificação de conjuntos habitacionais socialmente problemáticos.

Apesar de o caso português se diferenciar do caso internacional devido a contextos históricos, sociais, económicos, políticos e culturais, é possível associar os mesmos problemas e causas na relação entre a estrutura e organização do tecido habitacional e os problemas sociais. Por um lado, os discursos internacionais sobre conjuntos habitacionais degradados e problemáticos não chegam a conclusões consensuais acerca das estratégias que sugerem como solucionadoras. Por outro, convergem de forma geral para o facto de a organização espacial ser um fator explicativo e facilitador, e até causador, de alguns comportamentos sociais negligentes, transgressores e marginais.

Com a observação das ruas das grandes cidades americanas a partir da sua vivência pessoal, a escritora Jane Jacobs introduz o campo geral de problemáticas analisadas nesta investigação. Com o livro “The Death and Life of Great American Cities” publicado em 1961, explora a vivência e segurança do espaço público, naturalmente gerada pela diversidade de pessoas e usos. Para esta autora, a diversidade cultural e social, que constitui por si só a definição de cidade, deve ser devidamente estruturada, de forma a assegurar a ocorrência de contacto social que origine uma rede de contacto entre os utilizadores do espaço. Para que tal aconteça, Jacobs aponta o sentimento de segurança pessoal como necessidade básica a garantir, acrescentando um conjunto de condições: a mistura de diferentes usos programáticos que assegurem a constante presença de pessoas ao longo do dia e da noite (pp.164-190), edifícios de curtas dimensões horizontais que criem permanentes alternativas de percurso (pp. 191-199), a mistura de edifícios velhos e novos que leva à existência de residentes de várias posses económicas (pp.200-212), uma grande concentração de residentes para fortalecerem

a identidade e defenderem a qualidade do lugar (pp.213-234), e a existência das “personagens públicas”¹, como o empregado do café ou da loja, que estão diariamente presentes num lugar fixo da zona residencial, e que estabelecem o contacto entre o grande número de pessoas residentes ou não residentes, com as quais comunicam diariamente.

Desta análise social, destaca-se para esta proposta de projeto para o Bairro de Santa Tecla, a importância de garantir a presença permanente e constante de pessoas no espaço público, a partir da mistura de variadas atividades capazes de atrair movimento e vigilância. Esta condição permite também dinamizar economicamente a zona, o que, conseqüentemente, garante a presença das “personagens públicas”, capazes de dinamizar a criação da rede de contacto social local para a coesão social, ainda que indiretamente.

Cerca de uma década após a primeira publicação da análise qualitativa de Jacobs, o arquiteto americano Oscar Newman, faz uma análise quantitativa a 169 empreendimentos de habitação de apoio social em Nova Iorque, num total de 4000 blocos de apartamentos com aproximadamente metade de um milhão de residentes. Newman investigou as características do desenho do edificado habitacional que influenciam a ocorrência de crime e vandalismo. Concluiu que o anonimato, a falta de vigilância, e a presença de rotas de fuga em situações de perseguição policial, são as 3 condições que formam a oportunidade para o comportamento transgressivo, e dificultam a sua prevenção. Identificou também a dimensão do empreendimento e o número de famílias a partilhar a mesma entrada comum do edifício como sendo os dois fatores morfológicos mais influentes². O anonimato dá-se na falha da criação da rede de contacto social, facilitando a não identificação dos transgressores, e revelou-se igualmente proporcional ao tamanho do conjunto habitacional, ao número de habitações por entrada comum no edifício, ao número de habitações por piso, e ao número de residentes que partilham o mesmo espaço comum. Este princípio da vigilância pretende alcançar o mesmo objetivo que a condição de Jane Jacobs sobre a necessária e constante presença de pessoas na rua, os “*eyes upon the street*”³, mas enquanto Jacobs propõe as medidas que garantem a presença de peões na rua, Newman indica as características morfológicas que prejudicam a vigilância dos espaços habitacionais, como corredores internos de acesso às habitações, a posição das entradas demasiado escondida e a existência de vegetação que oculte a presença de pessoas no mesmo espaço. Ao basear-

¹ “public character” p.79 (Jacobs, 1961)

² (Newman, 1996) - Creating Defensible Space. Washington, D.C. : U.S. Department of Housing and Urban Development - Office of Policy Development and Research, p.28

³ (Jacobs, 1961) - Jacobs, J. (1961). The Death and Life of Great American Cities, (1984). England: Penguin Books, p.48

se nos testemunhos de agentes de segurança pública para melhorar a prevenção do crime, o terceiro princípio de Newman defende que o desenho de acesso aos blocos de habitações e a organização entre blocos não deve permitir várias opções de fuga. Desta forma contraria uma das conclusões da análise de Jacobs, que segue o ponto de vista do peão não criminoso sobre a possibilidade de mudança de direção no movimento pedonal, para a eventualidade de uma situação de insegurança¹.

Porém, como maior contradição em relação à análise de Jacobs, e de conceitos universais de urbanidade, Newman explora a solução de territorialidade, partindo do pressuposto de que o crime e os comportamentos transgressivos são praticados por estranhos, e como tal, os conjuntos residenciais devem restringir o seu acesso, através de barreiras físicas ou simbólicas. Desta forma sugere que também se deve garantir a sua monofuncionalidade, ou seja eliminar outros usos não habitacionais (pp. 63-64). Este conceito de território defensível potencia, segundo o autor, a identidade coletiva e o sentimento de responsabilização e propriedade pelo espaço público, potenciando todo o processo de proteção e vigilância que inibe a ocorrência do crime (p.50). O território defensível facilmente se assemelha ao sistema de “*Turf*”², referido no trabalho de Jacobs. No entanto, esta descreve-o como o sistema adotado por grupos criminosos organizados, que se apropriam do espaço público ou até de propriedade privada alheia, e condicionam o acesso segundo critérios próprios, chegando, por vezes, a dominar o comércio e serviços da zona. O trabalho de Newman foi contestado por vários autores por sugerir soluções que limitam o contacto social a grupos específicos, condicionando processos de melhoria social e económica ao promover a segregação social associada à segregação residencial. Ainda assim as suas recomendações foram amplamente seguidas para a elaboração de conjuntos habitacionais e dos espaços envolventes nos Estados Unidos³.

Seguindo o trabalho destes dois autores, a geógrafa Alice Coleman publica “*Utopia on Trial*” em 1990, procurando resultados em forma de dados estatísticos para relacionar a importância da forma do edificado residencial com os problemas sociais. Para tal, desenvolve a estrutura da investigação num processo de julgamento contra a “*Utopia*” do movimento moderno, com os arquitetos como arguidos.

¹ (Jacobs, 1961) - Jacobs, J. (1961). *The Death and Life of Great American Cities*, (1984). England: Penguin Books, pp.191-199

² (Jacobs, 1961) - Jacobs, J. (1961). *The Death and Life of Great American Cities*, (1984). England: Penguin Books, p.57

³ Heitor, T. V. (2001). *A vulnerabilidade do Espaço em Chelas: uma abordagem sintáctica*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pp.8-9

Apresenta como provas problemas de fácil identificação, como lixo, graffiti, vandalismo e excrementos¹, apesar de também se basear em provas não quantificáveis, como entrevistas, conversas informais com residentes e estatísticas oficiais sobre problemas sociais como abandono escolar, suicídio, divórcio, delinquência juvenil, agressão física e psicológica, entre outras. Depois de analisar por 4099 blocos residenciais, num total de 106,520 apartamentos, e mais de 250 mil residentes², procurou relacionar a quantidade de provas com os suspeitos. Assim, identifica as características do edificado mais influentes para os comportamentos transgressivos: o elevado número de residências acedidas pela mesma entrada, de residências num bloco, de pisos num bloco, a existência de passagens pedonais aéreas, a forte separação entre espaço público e privado, a existência de terreno de uso e propriedade indeterminados, corredores cegos de acesso às residências, entrada com fraca visibilidade, blocos sobre estacionamentos exteriores ou garagens interiores, e a existência de parques infantis.

Ao comparar a influência da forma com os problemas do bairro, conclui que é o desenho do edificado o que mais influencia a criminalidade e a negligência dos espaços habitacionais, e que nem a pobreza, o desemprego ou a densidade populacional influenciam tanto. Provou também que circunstâncias como a grande densidade populacional de crianças, espaços verdes sem uso determinado e apartamentos abandonados aumentam a ocorrência de comportamentos transgressivos, e que esta, melhora com o aumento do número de proprietários a residir.

Conclui o julgamento defendendo a construção de habitação unifamiliar como medida preventiva para os problemas em conjuntos habitacionais. Defende especificamente que o modelo de habitação britânico de casa geminada, frequentemente adotado no período entre as duas guerras mundiais, é o mais apropriado e avançado para evitar problemas sociais e criminalidade (pp. 101-122). Segundo a autora, o típico modelo de janelas frontais salientes da fachada, as “bay windows”³ maximizam a vigilância, e os pequenos jardins frontais cercados com baixos portões maximizam o controlo do território, entre outros pormenores no desenho da habitação que vão contrariar os problemas por ela identificados ao longo do livro.

Apesar de defender que a reabilitação dos conjuntos habitacionais problemáticos necessita de intervenções individuais pela sua grande variedade de morfologias e problemas, conclui também com um

¹ “litter, graffiti, vandal damage and excrement” (Coleman, 1990) *Utopia on Trial: Vision and reality in Planned Housing*. London: Hilary Shipman Limited, p.23

² (Coleman, 1990) p.2

³ (Coleman, 1990) p.103

conjunto de recomendações e medidas de correção, como: se possível, diminuir o número de apartamentos por bloco, entrada e piso; diminuir o número de crianças e jovens residentes; eliminar todas as passagens aéreas, e diminuir o número de saídas/entradas no bloco e acessos verticais, para diminuir o anonimato e as rotas de fuga; diminuir o comprimento dos corredores de acesso às habitações; as entradas nos blocos devem estar localizadas em frente a uma via pública; eliminar parques infantis por atraírem um grande número de crianças não supervisionadas; e melhorar a circulação viária dentro dos conjuntos habitacionais, evitando *culs-de-sac*, recomendando o plano de “estrada tradicional”¹ que reduz o número de rotas de fuga para criminosos, concentrando o percurso público em rotas únicas.

A “teoria da territorialidade”, defendida por Newman e seguida por Coleman, é refutada por Hillier, argumentando que potencia a segregação social e espacial do espaço urbano. Este autor defende que o espaço urbano deve oferecer as condições necessárias que atraiam residentes e estranhos a utilizá-lo permanentemente, como a acessibilidade, visibilidade, permeabilidade, ser perceptível a partir do espaço envolvente, ser legível e previsível. Deve também ser capaz de gerar e permitir o desenvolvimento de atividades², criando espontaneamente uma rede de contacto social, para estabelecer um espaço seguro e humanizado, diminuindo assim os fatores que potenciam a vulnerabilidade do espaço.

No campo de ação e de estudo português destaca-se o trabalho do Núcleo de Arquitetura do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC) com uma abordagem muito pragmática e classificativa, resultando essencialmente em normas e recomendações, como o Guião Recomendativo “*Gestão integrada de Parques Habitacionais de Arrendamento Público*”. São explorados desde o diagnóstico às medidas concretas para a resolução dos problemas em conjuntos habitacionais de baixo custo, a partir de uma análise social, económica, administrativa e arquitetónica. No desenvolvimento da investigação e do projeto para o Bairro de Santa Tecla proposto nesta dissertação, foram amplamente seguidas as recomendações apresentadas neste Guião.

Neste Guião afirma-se que as ações de revitalização destes Parques que têm vindo a ser efetuadas falham na capacidade de adesão dos moradores, devido à “existência de uma imagem desvalorizada do bairro” o chamado “delito de morada”, capaz de prejudicar, fortemente, eventuais boas qualificações pessoais”. Afirmam também como fator mais grave destes conjuntos a “sobreposição de um

¹ (Coleman, 1990) p.147

² (Hillier & Hanson, *The Social Logic of Space*, 1984)

cenário urbano degradante com um clima sociopsicológico” - de baixa escolaridade, elevada percentagem de idosos, desadequações socioprofissionais, pobreza económica, o baixo nível de escolaridade, famílias numerosas – uma vez que se interestimulam, dificultando “inverter a dinâmica negativa”.¹

Recomenda-se que para a resolução dos problemas encontrados nos Parques Habitacionais de Arrendamento Público se deve proceder ao desenvolvimento urbano harmonioso, favorecido por fatores como:

- A “mesclagem funcional”;
- A “mesclagem cultural e social”;
- A “clara integração ou “desenclavagem” do sítio, relativamente: à sua envolvente e ao resto da cidade”;
- A criação de programas de animação e oportunidades de inserção principalmente para jovens inativos ou desempregados;
- A “introdução de atividades e renovação dos comércios”;
- Os “arranjos dos espaços públicos e residenciais”;
- E o “desenvolvimento dos transportes coletivos e da rede viária, privilegiando-se nesta a rede pedonal”.²

Defendem também que “um processo integrado de gestão e requalificação” deve:

- Implementar “programas especiais de formação e criação de emprego”, dinamizando o local com a introdução de equipamentos;
- “Constituir uma adequada rede social local”, “favorecer a solidariedade social, a convivência natural e as relações afetivas, que podem constituir a principal riqueza dos conjuntos”;
- “Instalar ou recuperar centros sociais, dotando-os com programas para todas as idades e grupos sociais”;

¹ (Cabrita, António, & Freitas, 2000) p.33

² (Cabrita, António, & Freitas, 2000) pp.103-104

- E “combater o consumo de droga por todos os meios possíveis e, designadamente, através da dinamização da prática desportiva nos conjuntos residenciais”.¹

A operação efetuada em Ville de Rennes, no Bairro de Maurepas é indicado como um bom exemplo de “ligação polarizada entre intervenção física, social e organizativa”, na qual se destaca o desenvolvimento de medidas específicas visando um apoio ativo às crianças, a partir da criação de novas atividades que incentivem a participação escolar. Entre outras medidas, desenvolveram também uma “Rede de correspondentes noturnos” que vigiam o espaço residencial exterior à noite, diminuindo a ocorrência de atos transgressivos e negligentes, e melhorando a sensação de segurança dos residentes. (p.108)

Com o trabalho *“Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura”*², Nuno Portas aborda os problemas dos conjuntos habitacionais de baixo custo do ponto de vista mais humano, preparando propostas de conceção de habitações em relação ao sujeito e à família a alojar. Defende a existência de uma rede de contacto social espontânea e natural, que, para o autor, se divide em três estádios de intensidade: “o conhecimento”, “a cooperação”, e “a amizade”³. A fase do “conhecimento” revela o tipo de contacto mais fraco, em que os indivíduos apenas se contactam de forma passiva, etapa primária para a perceção de uma possível evolução da relação. O estado da “cooperação ou entreaajuda” revela já o sentimento de partilha em comunidade, potenciando a resolução de problemas em comum, num tipo de contacto mais forte que o nível do “conhecimento”. A fase da “amizade” é a mais forte das três, onde para além do sentimento de comunidade, existe uma maior partilha do núcleo mais reservado do lar, quebrando as fronteiras imateriais da privacidade.

Embora não especificamente respeitante ao tema da habitação social, os escritos compilados em *“Os Tempos das Formas”*⁴ revelam-se fundamentais para esta investigação pelas explicações da trama administrativa, económica, e política do desenho urbano em Portugal. Apontando problemas enraizados, causadores da segregação espacial e social que se observa por todo o território português, e principalmente em conjuntos habitacionais de baixo custo. No texto intitulado “Sobre os Conjuntos Habitacionais” de 1999, desta compilação, Nuno Portas identifica os maiores problemas dos conjuntos habitacionais apoiados pelo Estado. O maior condicionamento ao objetivo da integração destes

¹ (Cabrita, António, & Freitas, 2000) p.102

² Portas, N. (2004). *Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: Manuel Mendes.

³ (Portas, Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura, 2004)p.109

⁴ Portas, N. (2012). *Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer*. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho.

conjuntos prede-se à partida com a escolha do terreno de implantação, oferecidos ou comprados ao mais baixo preço, localizados essencialmente nas periferias. Segundo o autor este problema “decorre da falta de planeamento “de pormenor””, tornando-se difícil implementar o desejável: “programas interligados de “chãos-e-casas”, sendo o chão para todos, e as casas para diferentes tipos de promoção”.¹

Apesar de afirmar que a “cidade emergente não será monotípica” Nuno Portas defende ainda neste texto que as Habitações Apoiadas pelo Estado deviam ter uma “maior capacidade de mudança e de beneficiação pelos próprios – unifamiliares mais ou menos agrupados, em dois ou três pavimentos, eventualmente divisíveis e/ou expansíveis, quando não reconstruíveis”². Esta tipologia é rejeitada à partida devido a questões de custo, não amortizando “preços altistas do fator do terreno” como as construções em altura, razão que segundo o autor ainda não se encontra bem estudada. Entre os anos 60 e 80 na maioria dos países da Europa conclui-se que os programas de HAE se devem transferir dos espaços coletivos para os individuais, evitando “habitação coletiva mais massificada” onde os “sintomas físicos de maior conflitualidade e degradação tenham conduzido a prematuras e traumáticas demolições”³. Porém, em Portugal, continuaram a construir-se modelos de conjuntos habitacionais que já tinham provado não funcionarem.

Para a procura da definição de Bairro, de identidade territorial, do sentido de comunidade, foi estudado o trabalho do Centro de Investigação em Arquitectura, Urbanismo e Design “*A Cidade entre Bairros*”, do qual se destacam vários autores. Teresa Sá explora a definição de Bairro a partir dos seus limites físicos para a criação da identidade comunitária, contrapondo os exemplos das *Zonas Urbanas Sensíveis (ZUS)* em França, espaços de segregação espacial e contrastes sociais. Defende o aumento da “*mixofilia*”, a vontade de mistura das diferenças culturais e sociais, para a extinção da “*mixofobia*”⁴. Para esta autora o bairro é visto como uma unidade de aproximação entre indivíduos, que apesar de ser facilmente lido como uma unidade não deve impor fronteiras. Deve ser uma unidade entre muitas outras, devidamente integrado no tecido urbano e na sociedade, evitando antagonismos sociais. Deve também ser um “microcosmos do peão, que percorre um certo espaço num certo tempo, sem ter necessidade de utilizar um veículo”⁵.

¹ (Portas, Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer, 2012) p. 168

² (Portas, Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer, 2012) p. 173

³ (Portas, Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer, 2012) p. 173

⁴ Mendes, M. M., Ferreira, C. H., Sá, T., & Crespo, J. L. (2012). *A Cidade entre Bairros*. Lisboa: *Caleidoscópio – Sá, Teresa. Ainda há bairros na cidade?* pp.21-32

⁵ (Mendes, Ferreira, Sá, & Crespo, 2012) p.30

Jorge Nicolau propõe uma reflexão crítica sobre a unidade de Bairro na cidade contemporânea. O “tempo urbano” e o “tempo social” divergem, resultando numa crise de identidade social, e não económica¹. Ou seja, a urbanidade evolui e constrói-se a um ritmo diferente e por lógicas desassociadas do tempo social, o tempo em que a sociedade evolui e se transforma. O “tempo urbano” é construído num curto período de tempo para várias gerações sociais, provocando alterações sociais só visíveis a médio e longo prazo. Segundo o autor as transformações urbanas seguem sempre reformulações económicas e corporativas, e nunca, transformações sociais, uma vez que estas acontecem como consequência das primeiras. Como resultado o autor aponta para os “tumultos que se têm verificado em várias cidades europeias” indicadores de uma “crise de identidade social”.²

Também com o trabalho da Fundação Luso-Americana “*Immigration and Place in Mediterranean Metropolises*”³, foi possível estudar questões relativas à integração e coesão social no espaço residencial e público de comunidades étnicas minoritárias, a partir de reflexões de alguns profissionais das áreas sociais e de geografia.

Nesta compilação de artigos, Jorge Gaspar reflete sobre a concentração *versus* a dispersão de comunidades de imigrantes numa área urbana, sendo que a concentração pode levar à guetização, e a dispersão, ainda que potencie a integração, pode provocar confrontos culturais. Defende que as políticas de grandes conjuntos habitacionais têm sido desastrosas, uma vez que dificultam a integração social e impõem um modelo de habitação muito rígido e desassociado da cultura ao qual se destinam, provocando custos no tecido urbano. Este autor afirma que é o espaço público o lugar de contacto social e comunicação, que deve convidar ao diálogo com atividades e variado programa atrativo, que agregue diferentes culturas no mesmo espaço naturalmente. (pp.67-82)

Cristina Santinho apresenta o caso de estudo de Loures onde defende que a verdadeira integração de comunidades desfavorecidas só é bem sucedida quando as pessoas se tornam cidadãos ativos, cumprindo deveres e participando na sociedade por gosto, sem abdicar dos seus valores culturais.

¹ Mendes, M. M., Ferreira, C. H., Sá, T., & Crespo, J. L. (2012). *A Cidade entre Bairros. Lisboa: Caleidoscópio – Nicolau, Jorge. Narrativas de uma cidade em mudança o bairro como catalisador de urbanidade* pp.33-45

² (Mendes, Ferreira, Sá, & Crespo, 2012) p.41

³ Fonseca, M. L., Malheiros, J., Ribas-Mateos, N., White, P., & Esteves, A. (2002). *Immigration and place in mediterranean metropolises*. Lisboa:LinkLuso-American Development Foundation.

No caso de Loures foram implementadas associações culturais e religiosas, com os devidos equipamentos, e programas de atividades, integrando assim aos poucos esta comunidade na sociedade portuguesa, melhorando as suas condições de vida(pp.149-151)

Jorge Malheiros analisa o desafio das cidades contemporâneas focadas na competitividade capitalista para criarem processos de coesão social, corrigindo assim alguns antagonismos sociais. Defende assim que as comunidades de imigrantes nas cidades ocidentais podem contribuir de forma positiva para o crescimento económico a partir da sua participação pró-ativa nos mercados de trabalho, capacitando-os das ferramentas necessárias para a melhoria das suas condições de vida. (pp.293-308)

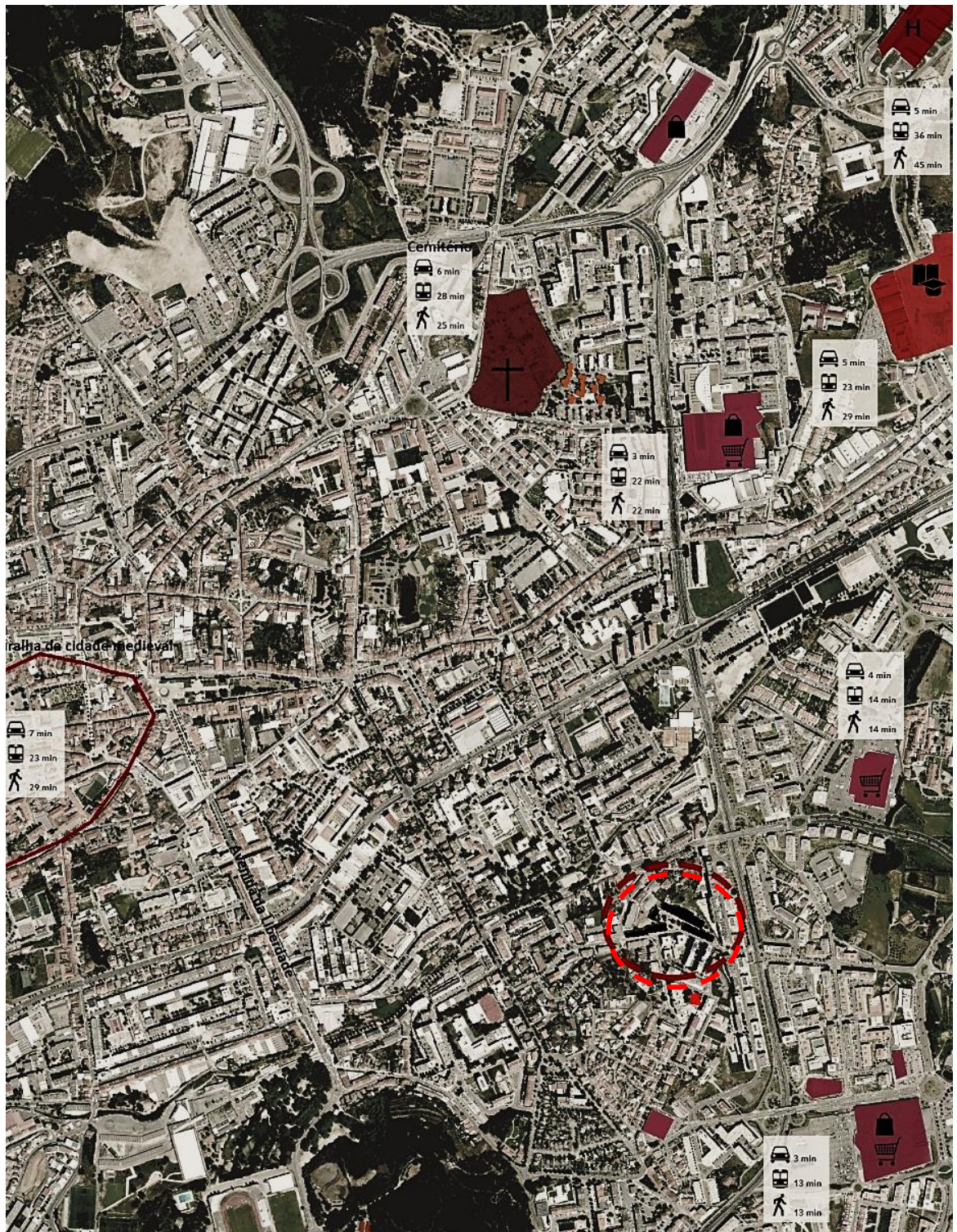


Figura 1 - Planta de localização com indicação dos principais equipamentos de braga. Localização do Bairro de Santa Tecla com um círculo vermelho.

2_O BAIRRO

2.1_Localização

Construído em 1979, o Bairro de Santa Tecla localiza-se na Rua Nascente, na freguesia de São Victor, em Braga. Encontra-se atualmente numa zona urbana de carácter residencial, a uma distância de menos de 30 minutos a pé da maior parte dos serviços quotidianos, a cerca de 5 min de carro ou 45 minutos a pé do Hospital Público, e a cerca de 30 minutos a pé do centro da cidade. De autocarro é possível uma deslocação aos principais serviços e equipamentos, com duração inferior a 20 minutos, e de 36 minutos ao Hospital Público. Segundo residentes de toda a zona residencial a rede de transportes públicos é eficiente, com um número e localização de paragens razoáveis e horários de passagem frequentes. Na zona residencial envolvente mais próxima, os residentes detetam a lacuna de comércio de produtos alimentares, que se encontra longe do Bairro, apesar de existir diverso comércio de pequena escala de outro tipo de produtos e serviços.

A cerca de 250 metros de distância do Bairro de Santa Tecla, existe um equipamento de apoio social aos residentes de etnia cigana, onde é coordenado o projeto *Geração Tecla*, da Cruz Vermelha. Este projeto surge no âmbito do *Programa Escolhas* com o intuito de melhorar a integração e coesão social das crianças de etnia cigana do Bairro de S.ta Tecla, e promover a sua inclusão escolar e profissional, ao oferecer diversas atividades lúdicas, recreativas e de apoio ao estudo.

Em frente à rua de acesso principal ao Bairro localiza-se o Complexo Residencial de Sta. Tecla da Universidade do Minho, assinalado com um círculo a vermelho na Figura 3, com capacidade de alojamento para cerca de 500 universitários, e composto por 5 blocos que compõem a frente a Sul do Bairro.

Num dos blocos de habitação do Bairro está inserida a Casa de Culto da Congregação Cristã que funciona como equipamento religioso da comunidade cigana. Este equipamento é gerido por um representante cigano, com reuniões periódicas, e com grande adesão da população cigana.

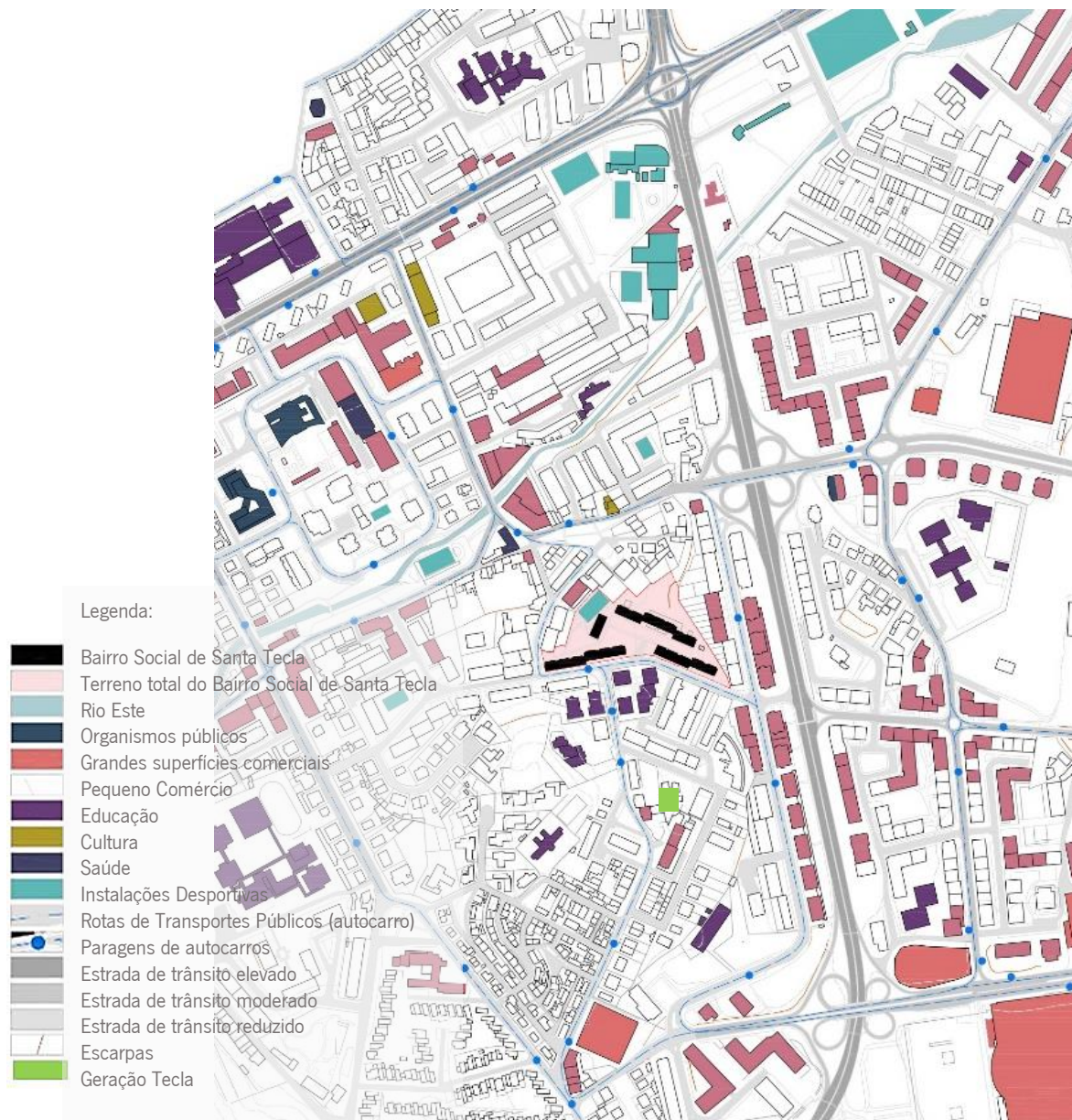


Figura 3 - Planta dos equipamentos e serviços mais próximos do Bairro



Figura 2 – Imagem satélite axonométrica da envolvente do Bairro. Localização do Bairro a vermelho. *In Bing Maps*

2.2_Características e composição do Bairro

O Bairro de Santa Tecla tem uma área de implantação de 3925m², numa área total de terreno de 18 052m². É composto por quatro blocos, e aloja cerca de 450 pessoas num total de 182 fogos de tipologias T2 e T3, constituindo assim o maior bairro social do município.

Três blocos encontram-se implantados paralelamente à rua principal de acesso, e o bloco de menor dimensão está implantado perpendicularmente à mesma. Nos quatro blocos os apartamentos estão distribuídos por quatro pisos, sendo que o piso de cota mais baixa se encontra, em todos os blocos, parcialmente enterrado, obrigando a construção de habitações em semicaves em algumas partes dos edifícios. Relativamente à orientação solar, os blocos 2 e 3 encontram-se orientados com maior exposição a Nordeste-Sudoeste e o bloco mais pequeno a Oeste-Este. O bloco número 1 orienta-se segundo os eixos Noroeste-Sudeste.

O acesso automóvel é feito em *cul-de-sac* a Sul com uma única entrada. No *cul-de-sac* disponibiliza-se a área para estacionamento automóvel dos blocos mais interiores do Bairro, com um coeficiente de 0,7 lugares de estacionamento por fogo (130lugares/182fogos). Os edifícios e muros de limite da envolvente mais próxima encerram todo o terreno do Bairro, com a exceção do limite a Sul, a Rua Nascente. Desta forma, nos interstícios entre os muros e os edifícios da envolvente e os edifícios do Bairro, existem dois acessos informais apenas pedonais, um no extremo Este e outro no extremo Oeste.

Os acessos verticais aos apartamentos fazem-se apenas por escadas, com dois fogos por piso e num esquema de Esquerdo-Direito. Apesar de nunca ter sido construído, as plantas dos edifícios apresentam em todos os acessos verticais um espaço com características para a integração de um elevador. As habitações organizam-se a partir de uma distribuição central para todos os compartimentos. Um dos quartos inclui uma pequena varanda de 2,20 m² de área útil.



Figura 4 – Imagem satélite axonométrica da envolvente mais próxima do Bairro. Localização do Bairro com mancha vermelha. Localização do Complexo Universitário a traço vermelho interrompido.



Figura 5 - Imagem satélite ortogonal do Bairro de Santa Tecla. Identificação dos blocos e dos acessos. Localização do Complexo Universitário a traço vermelho interrompido.

2.3_Enquadramento histórico

Este Bairro Social foi construído em 1979 na Quinta de Santa Tecla pelo Fundo de Fomento da Habitação¹, para realojar os residentes do Bairro Operário de Santa Tecla, e dos acampamentos precários de génese ilegal das Lajes e do Fujacal². Segundo antigos residentes da zona de Santa Tecla, o Bairro Operário localizava-se nas margens do Rio Este, na zona onde atualmente se encontra o café *Nobreza*, a cerca de 350 metros de distância do Bairro Social em estudo, como indicado nas figuras 6 e 7. Os operários aí residentes trabalhavam numa fábrica metalúrgica localizada na mesma zona, porém também demolida na mesma época que o Bairro Operário.

Quando o FFH é extinto em 1982, é criada uma Comissão liquidatária, substituída em 1987 pelo IGAPHE³, ao qual é comprado o Bairro pela CMB em 1999, e transferido para propriedade da empresa municipal *BragaHabit*, atual proprietária do Bairro.

Os primeiros registos cartográficos existentes em arquivo da *Câmara Municipal de Braga* relativamente à zona de Santa Tecla datam de 1936. Neste mapa mais antigo (figura 8), é possível verificar que a zona era pouco edificada, apesar de já apontar alguns arruamentos e edifícios ainda existentes a Noroeste. Até 1968, não é perceptível qualquer diferença significativa no edificado (figura 9). Porém, no desenho de implantação do projeto do Bairro, datada de 1979, já é possível notar a existência de edificado a Sul (figura 10). Com este desenho é possível afirmar que o Bairro é construído numa ampla zona verde, onde até à data, não existe qualquer indício da construção envolvente a Este do Bairro. Como mostra o desenho, a zona verde proposta para o Bairro complementava a zona verde já existente do terreno adjacente, onde já estava previsto a abertura de uma estrada, representada a traço interrompido.

Este Bairro, de dimensões consideráveis para a cidade à época, é implantado na então periferia do tecido urbano existente, numa parcela da Quinta de Santa Tecla.

¹ Criado no ano de 1969 e extinto em 1982 (Fundo de Fomento da Habitação, 2013), o FFH nasce como entidade autónoma, com o propósito de alojar população nos novos centros de oferta de trabalho, contando com a construção de 50 mil fogos. As competências até então atribuídas ao Ministério das Obras Públicas relativamente à habitação passam para o FFH, propondo a intenção de encarar o problema da habitação com coerência, focando a integração social e urbana no existente, complementando-a com equipamentos, acessibilidades e espaços exteriores. (Portal da Habitação, 2015)

² (Ferreira, 2005)

³ Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado – criado na sequência da extinção do Fundo de Fomento da Habitação, com o principal objetivo de diminuir a dívida por este criada, como também continuar com “a gestão, conservação e alienação do parque habitacional, equipamentos e solos, o apoio técnico a autarquias locais e outras instituições promotoras de habitação social” (Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2015)

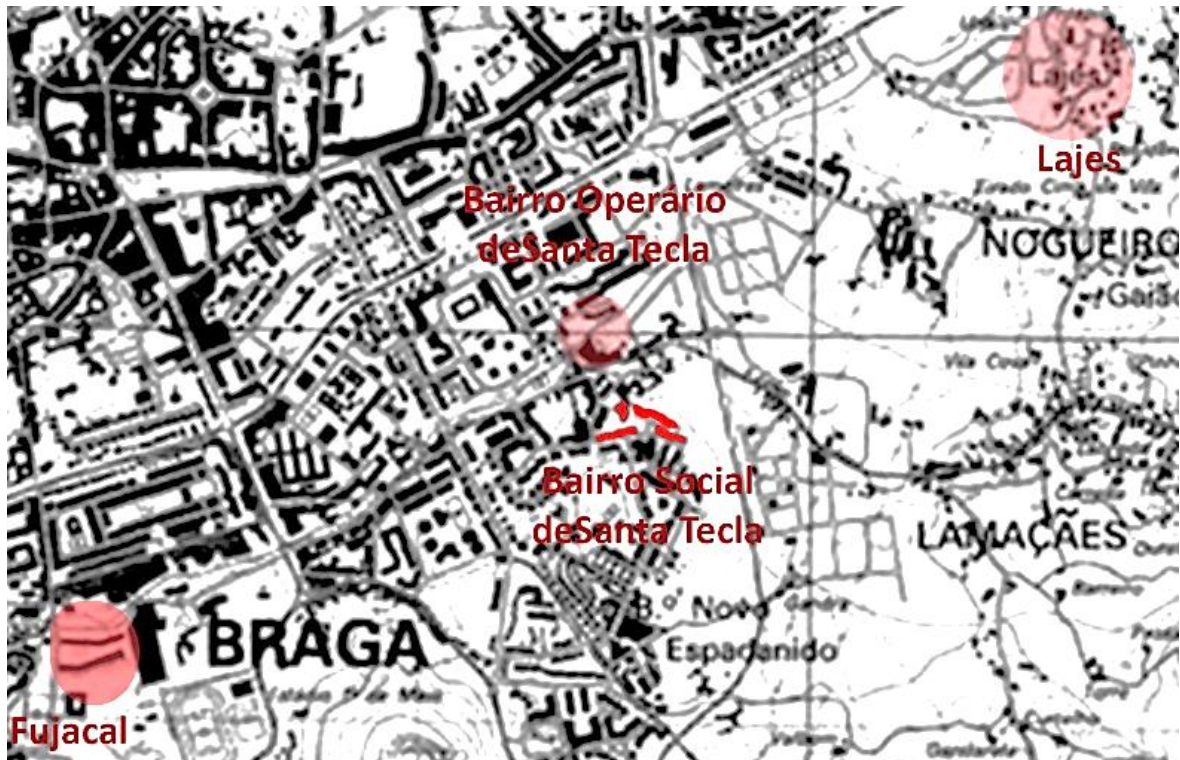


Figura 6 - Planta Militar dos anos 80. Localização dos acampamentos das Lajes e do Fujacal. Localização do Bairro Operário de Santa Tecla.



Figura 7 - Planta do ano de 1936. Localização do Bairro Operário de Santa Tecla com mancha vermelha. Localização do Bairro Social de Santa Tecla com mancha a cinzento.

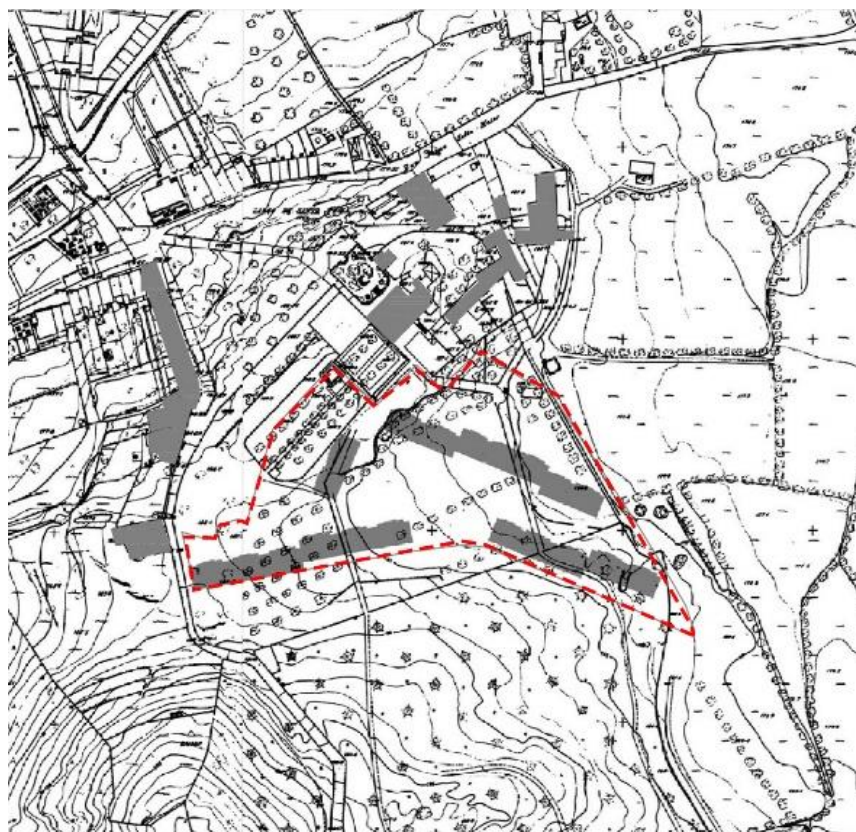


Figura 8 - Planta do ano de 1936. Localização do Bairro Social de Santa Tecla. Indicação dos edifícios já existentes em 1936 e que ainda hoje existem.
in Câmara Municipal de Braga

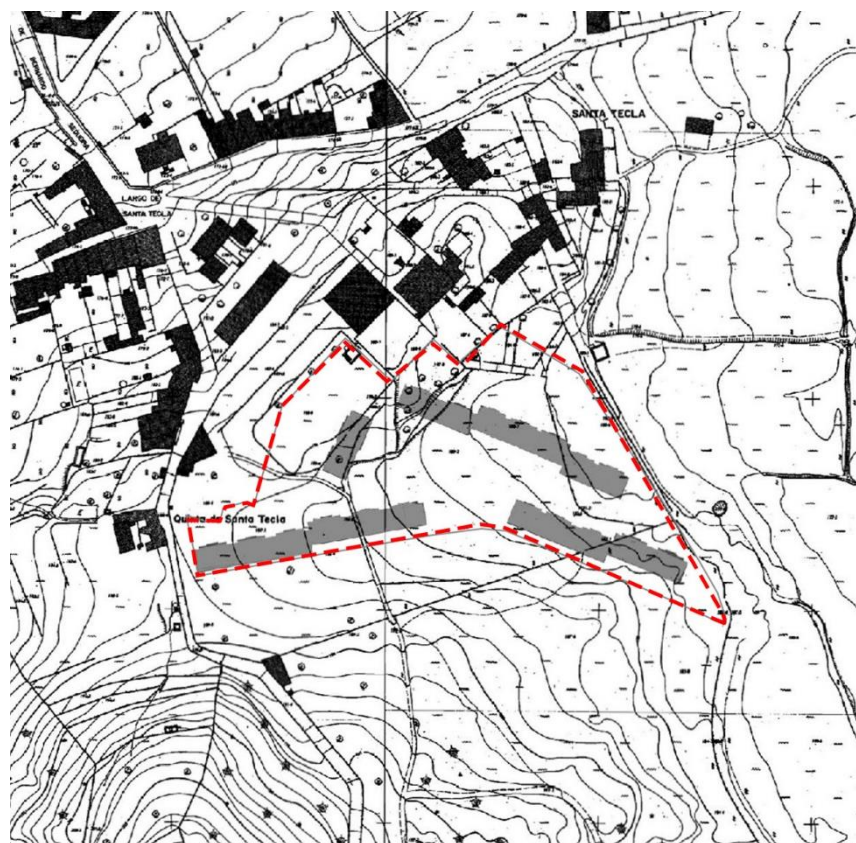


Figura 9 - Planta do ano de 1968. Localização do Bairro Social de Santa Tecla.
in Câmara Municipal de Braga



Figura 10 - Planta do projeto para o Bairro Social de Santa Tecla. Desenho de 1979. *in BragaHabit*

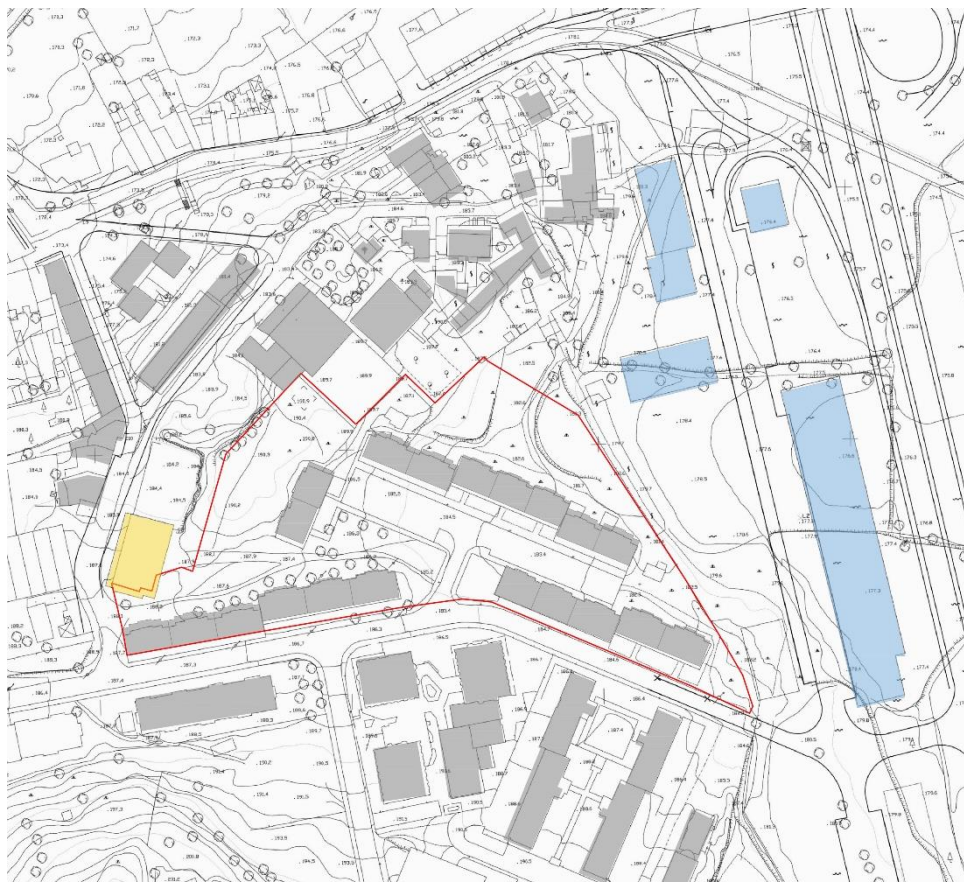


Figura 11 - Planta de 1994. Indicação a cinzento dos edifícios já existentes em 1994.
In Câmara Municipal de Braga

Embora se considere que, em 1980, o Bairro estava afastado e isolado da área urbana, segundo antigos residentes da zona, existiam transportes públicos eficientes. E logo na primeira década da sua existência, o Bairro foi sendo envolvido pelo rápido e massivo crescimento urbano da cidade.

Na planta de 1994, identificada como Figura 11, é possível perceber a construção de um edifício a Oeste do Bairro, indicado a amarelo, que vai estreitar o espaço verde exterior, situação que se agrava entre os anos 1994 e 2005 com a construção de dois edifícios, indicados com um círculo vermelho a traço interrompido na Figura 12. A Este do Bairro, em 1994, existem já alguns edifícios, indicados a azul na Figura 11. Mas só por volta do ano 2005 é que se dá a construção do contínuo conjunto de edifícios da Rua José António Cruz, identificados com um retângulo na Figura 12. Com esta construção mais recente, todo o carácter espacial do espaço exterior do Bairro é transformado, isolando-o do tecido urbano envolvente. Assim, identifica-se o processo de encerramento do Bairro pela envolvente, potenciador de vários problemas que se abordam nos seguintes capítulos.



Figura 12 - Planta síntese das datas de construção dos edifícios envolventes.

Legenda:

- Construção anterior a 1936
- Construção entre 1936 e 1968
- Construção entre 1968 e 1979
- Construção entre 1979 e 1994
- Construção entre 1994 e 2005

2.4_Enquadramento urbano

O processo de encerramento do Bairro pela envolvente é então iniciado pela construção dos três edifícios a Oeste do Bairro (indicado a amarelo na figura 11 e com círculo vermelho na figura 12), entre os anos 1979-1994 e 1994-2005, e pelo denso edificado a Este entre os anos 1994 e 2005.

Desta forma, o espaço verde previsto à época de construção do Bairro perde a sua acessibilidade e amplitude visual, ao ser encerrado entre altos muros de separação dos terrenos vizinhos, resultando num interstício de terreno sobrance entre traseiras de edifícios. Porém, este encerramento da envolvente torna-se especialmente problemático por encerrar um *bairro social* espacialmente organizado em *cul-de-sac*.

Com a implantação sem lógica de malha urbana dos mais recentes edifícios a Este do Bairro, foi quebrada a possibilidade de uma circulação pedonal e automóvel fluída e com diferentes alternativas de percurso. Assim, o esquema de circulação automóvel e pedonal existente entre Bairro e envolvente fica limitado a dois longos eixos viários, sem qualquer quebra de mudança de percurso num comprimento de cerca de 250 metros em cada eixo, como indicados na figura 13. A maioria dos passeios desta envolvente encontram-se limitados pelos muros dos espaços privados ou por edifícios, a partir dos quais se acede aos apartamentos ou a espaços comerciais ao nível do passeio. A maioria destes espaços comerciais acabam também por não contribuir para o diálogo entre espaços interiores e espaço exterior. Apesar das fachadas comerciais desta envolvente serem maioritariamente em vidro, este é coberto por outros materiais opacos. A circulação pedonal fica assim limitada por estes problemas urbanos e arquitetónicos, referentes à estrutura da malha urbana e às relações entre privado-público e interior-exterior, respetivamente. Estes problemas retiram qualidade ao uso do espaço exterior, resultando em espaços desinteressantes e não atrativos. Ainda assim, o movimento pedonal é de frequência moderada, estando associado ao elevado número de residentes em toda a zona.

O movimento automóvel na Rua Nascente é de frequência moderada, pela sua facilidade de acesso à variante, como assinalado na figura 13. As ruas de trânsito reduzido acabam por funcionar apenas como ruas de acesso às habitações, ou pequenos serviços e comércio. Nas diversas visitas ao lugar, foi possível perceber uma escassez de estacionamento devido à sobrelotação do existente, apesar de a maioria dos residentes do Bairro entrevistados ter afirmado não possuir automóvel, e de nenhum

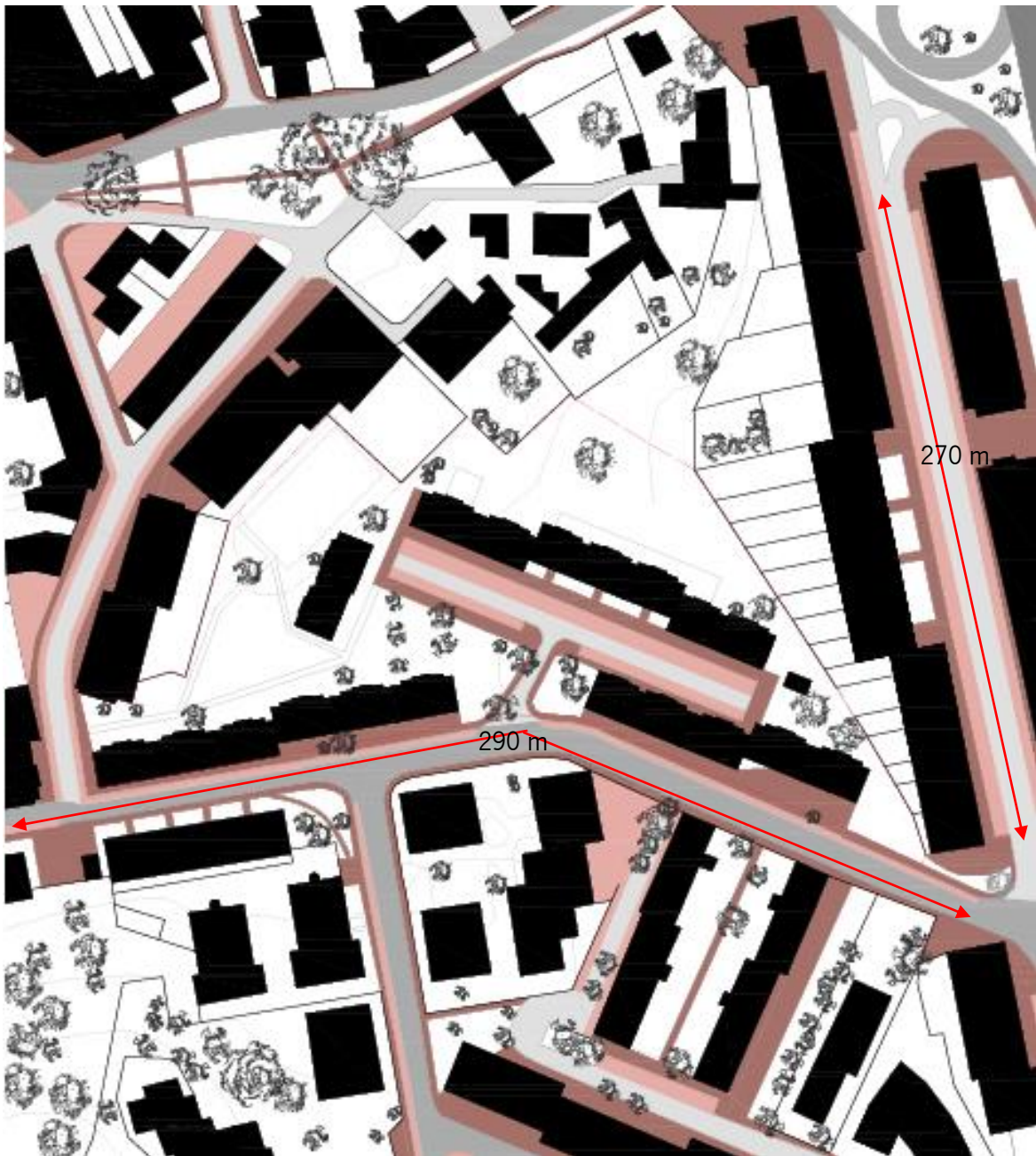








Figura 13 - Planta da circulação automóvel e pedonal

Legenda:

-  Limite do Bairro Social de Santa Tecla
-  Via de trânsito moderado
-  Via de trânsito reduzido
-  Zona pedonal
-  Estacionamento automóvel
-  Muros altos

dos universitários entrevistados ter afirmado utilizar carro para as suas deslocações.

Esta envolvente restritiva vai conseqüentemente influenciar a estrutura do espaço exterior, segregando o espaço privado do público, e vice-versa, ao impossibilitar formas de relação entre os dois. O espaço privado exterior desta envolvente, principalmente constituído por jardins de moradias individuais e pátios traseiros de apartamentos, é separado por altos muros que impossibilitam a acessibilidade visual e física a partir do espaço público. Algum do espaço privado da envolvente apresenta um carácter mais público, como o espaço do Complexo Residencial Universitário, onde a segregação com o espaço público não é tão forte. Os muros de separação destes espaços privados permitem alguma acessibilidade visual, embora a acessibilidade física esteja condicionada à presença de um porteiro que a partir da identificação de quem entra, permite ou não o acesso ao espaço.

O espaço público é essencialmente composto por passeios e vias de trânsito automóvel, havendo pontualmente alguns espaços verdes. Estes espaços vão contribuindo significativamente para amenizar o efeito visual dos muros de separação do espaço privado, aumentando a amplitude visual do espaço de circulação. Porém, apesar de se assumirem como espaços ajardinados, não oferecem zonas de estar.

Também como espaço público destacam-se nesta envolvente duas zonas dominadas pelo uso dos residentes. Uma das zonas assinalada na figura 15 com um círculo vermelho, e nas imagens 6 e 7 da figura 13, a Sudeste do Bairro, pertencente a dois blocos de apartamentos vizinhos do Bairro, com um complicado acesso em cul-de-sac, sem relação direta com a rua à qual está adjacente, a Rua Nascente. Ao quebrar uma relação visual e física com a Rua Nascente, quebra também com o Bairro, o que piora o isolamento deste em relação à malha urbana envolvente. Esta opção resulta num espaço público de circulação pedonal e automóvel desinteressante e isolado, sem comunicação com os edifícios que o confinam.



Figura 14 - Imagens sequenciais da Rua Nascente. in Google Street View

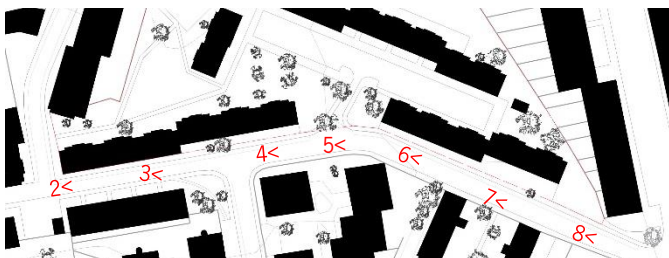














Figura 15 -Planta da estrutura e tratamento do espaço exterior.

Legenda:

-  Limite do Bairro Social de Santa Tecla
-  Espaço privado
-  Espaço privado com carácter mais público
-  Espaço público com carácter mais privado
-  Espaço público
-  Terreno vago
-  Espaço pavimentado
-  Espaço pavimentado com material betuminoso
-  Espaço verde não tratado
-  Espaço verde tratado

3_A POPULAÇÃO

3.1_Características da população

Segundo dados disponibilizados pela *BragaHabit*, neste bairro habitam cerca de 492 pessoas, num conjunto de 171 agregados familiares. Com uma representatividade da comunidade cigana de 52,41%, constitui assim, a nível do concelho o conjunto habitacional com maior número de residentes ciganos.

A estrutura etária divide-se segundo:

-Idosos (8,3%),

-Adultos em idade ativa (54,7%)

-Crianças e jovens até aos 18 anos (37%), existindo dentro desta percentagem cerca de 20 crianças com idade inferior a 6 anos que não frequentam qualquer tipo de equipamento educacional (maioria crianças ciganas)

Quanto à estrutura dos agregados familiares:

-agregados familiares clássicos¹ (43,2%),

-os isolados (19,8%),

-os monoparentais (17,3%)

-casais sem filhos (14,2%),

-5,5% de outros tipos de famílias como de 2 núcleos, irmãos e outras.

Predominam os agregados compostos por duas pessoas (26,5%), num número médio de 2,9 por agregado, os compostos por 1 e 3 pessoas com 19,8% cada, os constituídos por 4 e 5 pessoas que representam 18,5% e 11,1% respetivamente, e os de 6 e 7 pessoas atingem os 4,3%.

O nível de escolaridade e formação apresenta um valor muito baixo:

- 24,6% não possuem qualquer habilitação escolar,

-51,7% de número de residentes com o 1º ciclo de estudos de ensino básico,

¹ Agregado familiar constituído por pai, mãe e filho(s).

-23,7% da população possui o 2º ciclo ou mais.

Segundo técnicos sociais entrevistados, o baixo nível de escolaridade na comunidade cigana advém da falta de percepção da importância da escola como potenciadora de melhores condições de vida. Acrescentando problemas como a xenofobia e a exclusão social, foram criadas as condições para a débil relação que a comunidade cigana mantém com o mercado de trabalho. O que por sua vez, condiciona a possibilidade de aumento do rendimento económico, proporcionando um maior recurso à prática de atividades económicas ilegais.

Relativamente à empregabilidade da população residente, verificou-se que:

-um número muito elevado de desempregados e domésticas de 38,9%,

-reformados e pensionistas com uma representatividade de 36,1%,

-25% da população exerce uma profissão remunerada, como: vendedor ambulante na comunidade cigana, e empregada de limpeza ou empregada doméstica.

3.2_A percepção do Bairro pelos moradores

Dos 15 residentes inquiridos, 10 afirmam não gostar do bairro e preferir comprar casa fora do bairro, longe de ciganos, e fora de Braga. Porém 11 afirmam gostar da sua habitação, (9 dos quais fizeram alterações como mudança de pavimentos, e pintura de paredes), e afirmam não confiar nos vizinhos, apesar de 10 sentirem que existe entreajuda. Dos aspetos mais positivos em relação ao bairro destacam-se os vizinhos e a proximidade aos serviços e comércio, sendo que o tráfico de droga, e todos os problemas daí derivados, constituem os aspetos mais negativos, chegando a interferir no receio de enunciar este aspeto como resposta durante os inquéritos. Foi possível entender que este é o maior problema que dá origem ao fraco sentimento de comunidade no Bairro, chegando a ser afirmado informalmente por vários inquiridos, que, se este não existisse, “adoravam ali viver”.

Também de forma espontânea foi recorrentemente revelado um sentimento de vergonha pela morada, uma vez que compreendem o estigma por parte de quem lá não vive, associando qualquer morador às práticas ilegais de alguns, ou muito poucos. Também a partir dos meios de comunicação

é possível perceber o sentimento de desagrado em relação ao Bairro, e mais concretamente à presença de tráfico e consumo de droga, a partir de alguns exemplos de artigos de jornal, tais como os intitulados: “*Manifestação em Santa Tecla contra o tráfico de droga*”¹ e “*Medo em Bairro em Braga*”².

3.3_A perceção do Bairro pelos atores locais

Para conhecer outras perspetivas, e outro tipo de informação mais técnica e privilegiada, foram entrevistados 11 atores locais, que intervêm direta ou indiretamente no Bairro, das mais diversas formas. De modo geral, apresentam uma perceção muito negativa do bairro, sem que esta posição se limite apenas a este Bairro, mas ao problema mais geral da integração dos bairros sociais e da comunidade cigana em Portugal. Afirmam a expectativa de que este problema possa ser resolvido, mas apenas a longo prazo, por se tratar essencialmente de um problema de mentalidades, de todas as partes envolvidas, condicionadas por um sistema burocrático, administrativo, político e judicial, demasiado complexo, que ajuda à estagnação da situação.

Dos entrevistados com formação em áreas sociais, foi possível perceber a importância da formação e escolaridade das crianças, jovens e adultos, mesmo desde a idade de creche. A escolaridade e formação profissional potenciam a integração no mercado de trabalho, e conseqüentemente a coesão e melhoria de condições de vida. Os técnicos realçaram ainda a necessidade de uma intervenção técnica social constante e incisiva, especificamente destinada à população cigana, constituída por programas formativos, educacionais, recreativos, e de reabilitação.

O representante da polícia de segurança pública reforçou a necessidade da extinção do tráfico e consumo de droga, com controlo e punição rigorosos, para que o Bairro mudasse positivamente. Na sua opinião estes resultados só se obtêm a partir do trabalho de equipa entre as várias entidades envolvidas na gestão do Bairro e do conflito do tráfico de droga. Aponta também a arquitetura como elemento básico para o sucesso da ação policial, que deve, para tal, permitir uma ampla visibilidade de todo o espaço exterior do Bairro, e das entradas nos edifícios e nas habitações.

Os funcionários das Residências Universitárias apontaram para a existência de um preconceito social xenófobo precursor do sentimento de insegurança, por parte dos estudantes universitários. Segundo os funcionários e segundo os estudantes universitários entrevistados, nunca houve qualquer tipo de problema com a população do Bairro, o que retira fundamento a esta insegurança. Porém, os técnicos

¹ (Costa, 2008)

² (Correio da Manhã, 2015)

sociais entrevistados referiram que este preconceito social não é unilateral à população não cigana, e referem que parte do isolamento social cigano acaba por ser provocado pela própria comunidade, numa trama complexa de causa, relação e consequência.

3.4_A percepção do Bairro pelos moradores da envolvente

Os 15 estudantes universitários inquiridos revelaram nunca terem tido qualquer tipo de problema com o Bairro, ou com os moradores. Porém, 11 afirmam sentirem-se inseguros por residirem naquela zona, dos quais 7 consideram que este sentimento piora à noite, e 2 das pessoas que respondem negativamente à questão da insegurança, respondem também que à noite a segurança piora. Todos afirmam a importância da existência do campo exterior para a prática desportiva; porém dos 9 que utilizam este tipo de equipamento, só 3 é que usam o existente no Bairro, e 5 afirmam não utilizá-lo por motivos de insegurança. Escolhem como aspetos mais negativos da zona a insegurança e a distância à universidade, sendo que como aspeto mais positivo escolhem as características do edificado onde residem, afirmado por 4 inquiridos, sendo que 5 afirmam não gostarem de nada em especial.

Dos 15 moradores da zona residencial fora do Bairro, na maioria reformados, 12 afirmam que a sensação de insegurança é o maior problema da zona. Apontando como razão o tráfico de droga no Bairro, que consequentemente provoca a frequente ocorrência de assaltos – (que já aconteceram ocorridos nas residências de 10 inquiridos) -, na área envolvente, por parte dos consumidores.







De uma forma geral, é possível concluir que a percepção do Bairro por parte dos não residentes é negativa, e fundada por diversas razões, principalmente associadas ao tráfico e consumo de droga, potenciador de problemas como assaltos, mas também potenciador de problemas mais invisíveis como o estigma associado ao lugar, e a toda a população residente.

No resto da cidade, a percepção do Bairro pelos bracarenses é muito negativa, por o associarem ao tráfico de droga e à residência de população cigana. De uma forma geral os bracarenses vão perpetuando o estigma social ao partilhar histórias de conhecidos que foram assaltados na zona, o que contribui para uma percepção de perigo relacionada com o Bairro. Porém, não se encontraram relatos em primeira pessoa. Apesar disso, a Rua Nascente acaba por ser evitada pelos bracarenses na circulação automóvel e pedonal.



Figura 16 - Planta do Bairro com a indicação dos espaços de permanência, dos percursos quotidianos, e com a indicação dos grupos de população

Legenda:

-  População idosa
-  População adulta feminina
-  População adulta masculina
-  População jovem e infantil
-  População toxicodependente
-  População residente da envolvente e outros

3.5_Permanência e circulação

A vivência humana de um conjunto habitacional deve ser estabelecida por uma rede de diferentes níveis e formas de contacto social, entre diversos grupos populacionais, e que ocorrem associados a vários tipos de espaços. Os níveis de contacto social referem-se à intensidade do conhecimento entre pessoas, que varia entre o desconhecimento total e a amizade profunda. As formas de contacto social podem ocorrer casualmente no cruzamento entre circulações pedonais, ou entre estados de permanência, e podem até ser planeadas. As formas e os tipos de contacto social também variam conforme os grupos populacionais que se relacionam, como diferentes faixas etárias, etnias, ou classes sociais. Os tipos de espaços onde esta rede ocorre proporcionam, ao mesmo tempo que limitam, a ocorrência de cada forma de contacto, consoante as suas características morfológicas.

Como já referido anteriormente, o Bairro tem um acesso principal a Sul, e dois acessos apenas pedonais nos extremos Sudoeste e Sudeste, embora informais, convergindo todos para o espaço intersticial aos blocos residenciais, que é a zona de *cul-de-sac*.

A circulação pedonal no Bairro é feita essencialmente por residentes, com a entrada pontual de visitantes como compradores de estupefacientes, ou técnicos que trabalham com o Bairro. O acesso informal sudoeste é utilizado por toda a população residente, e maioritariamente pela população adulta feminina, como percurso diário para a compra de produtos alimentares. O resto da circulação pedonal é feita informalmente pelo espaço permeável ou impermeável, pela menor distância.

A zona Sudeste do Bairro é apenas utilizada pela população toxicodependente, não residente no Bairro, onde consome e vende estupefacientes. Também existem toxicodependentes a residirem no Bairro, porém verificou-se que só os que não residem é que atuam como intermediários da venda do produto. Para esta prática, utilizam principalmente o acesso informal a Sudeste, e eventualmente utilizam o acesso principal para acederem com carro à sua zona de permanência. Desta forma é possível observar uma segregação da população na utilização do espaço exterior do Bairro, uma vez que o resto da população residente não circula nem permanece na área Sudeste, evitando qualquer tipo de contacto social.



Figura 18 - Imagens do espaço de permanência número 6 - "zona a Nordeste do bloco 2, que funciona como "sala de chuto" ao ar livre



Figura 17- Imagens do espaço de permanência número 2 - acesso principal



Figura 19 - Imagem do espaço de permanência número 5 - bancos exteriores. *In Google Street View*



Figura 20 - Imagem do espaço 2 - bancos exteriores

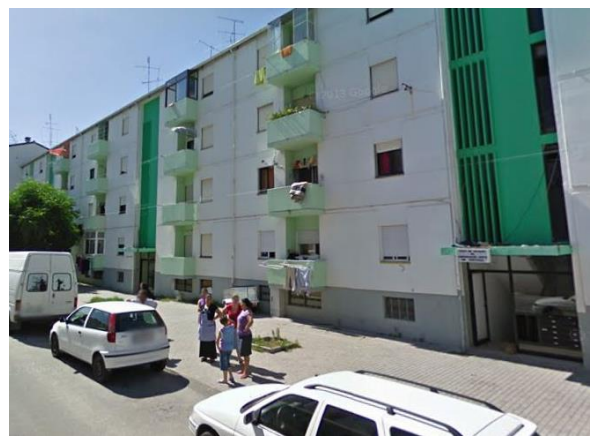


Figura 21 - Imagem do espaço 4 - Casa de Culto

A população não residente que passa pela zona envolvente utiliza principalmente a zona pedonal mais distante do limite do Bairro, evitando passar em frente às entradas dos blocos faceadas com a Rua Nascente. Desta forma identificou-se outro nível de segregação social, entre população residente no Bairro e população não residente. Para além de esta população não ter nenhum motivo para visitar o Bairro, acaba também por evitar passar perto do seu limite. A partir dos resultados dos inquéritos realizados, é possível concluir que este facto se deve à insegurança, ainda que infundamentada.

Como já referido anteriormente no capítulo sobre o suporte teórico, no livro “Habitação Social”, Nuno Portas defende que a vida social atravessa três níveis de contacto: “o conhecimento dos outros”, “a cooperação ou entreajuda” e “a amizade em profundidade”¹. A cada um destes níveis de contacto social foi possível associar um espaço de permanência dos residentes do Bairro, identificando-os:

- 1 - o acesso informal pedonal a Sudoeste
- 2 - o acesso principal, pedonal e automóvel
- 3 - as entradas de acesso às habitações dos blocos 3 e 4
- 4 - a entrada para a “Casa de Culto” da Congregação Cristã de Portugal²
- 5 - bancos exteriores
- 6 - a zona a Nordeste do bloco 2, que funciona como “sala de chuto” ao ar livre

Com o cruzamento das respostas dos questionários aos residentes, e com a observação do local, foi possível perceber as variadas dinâmicas sociais no Bairro. Concluiu-se assim que o tipo de contacto de “conhecimento” ocorre no cruzamento das circulações pedonais, e nas entradas comuns aos blocos, entre população cigana e não cigana e entre variadas faixas etárias, porém, essencialmente entre pessoas residentes do mesmo bloco. O tipo de contacto de “cooperação e entreajuda” foi observado maioritariamente entre pessoas da mesma etnia, da mesma faixa etária e do mesmo sexo, ocorrendo principalmente entre vizinhos do mesmo piso, nas entradas dos blocos, no acesso principal, nos bancos exteriores, e na entrada da

¹ (Portas, Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura, 2004) p.109



Figura 22 - Imagem parcial do cul-de-sac do bairro. Espaço de permanência número 3 – entradas bloco 3.
In Google Street View



Figura 23 - Fotomontagem do espaço de permanência número 1 - acesso informal a Sudoeste



Figura 24 - Imagem do espaço de permanência número 1 - acesso informal a Sudoeste. in Google Street View



Figura 25 - Fotomontagem do campo de jogos existente no Bairro

“Casa de Culto”. O tipo de contacto de “amizade profunda” é feito maioritariamente entre vizinhos do mesmo piso, da mesma etnia, do mesmo sexo, e da mesma faixa etária. Entre as mulheres é maioritariamente localizado à porta das residências, nas entradas dos blocos, e nos bancos exteriores. Os homens escolhem pontos de permanência mais estratégicos como o acesso principal, ou o acesso informal a Sudoeste, o que se associa à questão do controlo visual do espaço exterior do Bairro e dos acessos. De forma geral a população mais jovem, mas essencialmente do sexo masculino, permanece na entrada do campo de jogos. Os mais jovens do sexo feminino permanecem maioritariamente nas zonas de entrada para os blocos, como também a população feminina adulta. A população idosa permanece maioritariamente nos bancos exteriores, e pontualmente nas varandas das suas residências.

Compreendeu-se que, de uma forma geral, os tipos de contacto social mais próximo estão associados a laços familiares na população cigana. O contacto social entre população cigana e não cigana ainda é delicado, apesar de ter vindo a intensificar-se ao longo dos anos de residência no Bairro. Porém, a população não cigana não costuma permanecer no espaço exterior do Bairro, optando por uma vivência mais reservada ao espaço privado, o que consequentemente dificulta a melhoria do contacto social entre diferentes etnias.

4_OS PROBLEMAS

Os problemas identificados no âmbito desta investigação diferenciam-se em problemas *sociais*, apenas relacionados com a área social, e problemas *arquitetónicos*, estritamente relacionados com a análise morfológica e espacial do lugar. De seguida, procura perceber-se a relação entre estas duas partes, a partir da identificação dos sintomas. Estes sintomas funcionam como um elemento quantificável e localizável, que manifesta a existência dos problemas sociais e arquitetónicos que estão a pôr em causa a qualidade de vida dos residentes, e urbana em geral. Esta identificação resulta de todo o processo de análise, como já mencionado anteriormente no capítulo da Metodologia, apoiando-se principalmente na observação da vivência do Bairro, e nas opiniões dos técnicos entrevistados.

4.1_Os problemas sociais

Como principais problemas sociais do Bairro, identificam-se o tráfico e consumo de droga, o enclave racial, a segregação social, e a insegurança, sendo que uns incrementam os outros, num círculo vicioso. Para Jacobs a insegurança representa a principal condicionante do uso do espaço público, que conseqüentemente dificulta o contacto social espontâneo coletivo, remetendo os cidadãos para uma esfera de contacto social muito limitada aos núcleos familiares.¹ No Bairro de Santa Tecla, esta insegurança percebe-se de diferentes modos a partir dos dois grupos de população: os residentes, e os não residentes do Bairro.

A partir dos questionários, concluiu-se que a insegurança dos residentes advém do contacto muito próximo com o tráfico e consumo de droga. Por um lado, a presença constante de toxicodependentes intermediários da venda de estupefacientes no Bairro, limitada a uma parcela do espaço exterior, expõe a todos os residentes, de forma desinibida, o consumo de droga e os resíduos do mesmo, como seringas. Por outro lado, a presença do tráfico diminui a qualidade de vida dos residentes não traficantes, pelo estigma, e por todas as conseqüências associadas à ilegalidade da prática, como as rusgas policiais, ou as rivalidades entre vizinhos por concorrência inerente à atividade.

Na população não residente, a insegurança aparece associada a fatores sociais como o racismo e a xenofobia da comunidade cigana e da população toxicod dependente, potenciada

¹ (Jacobs, 1961)

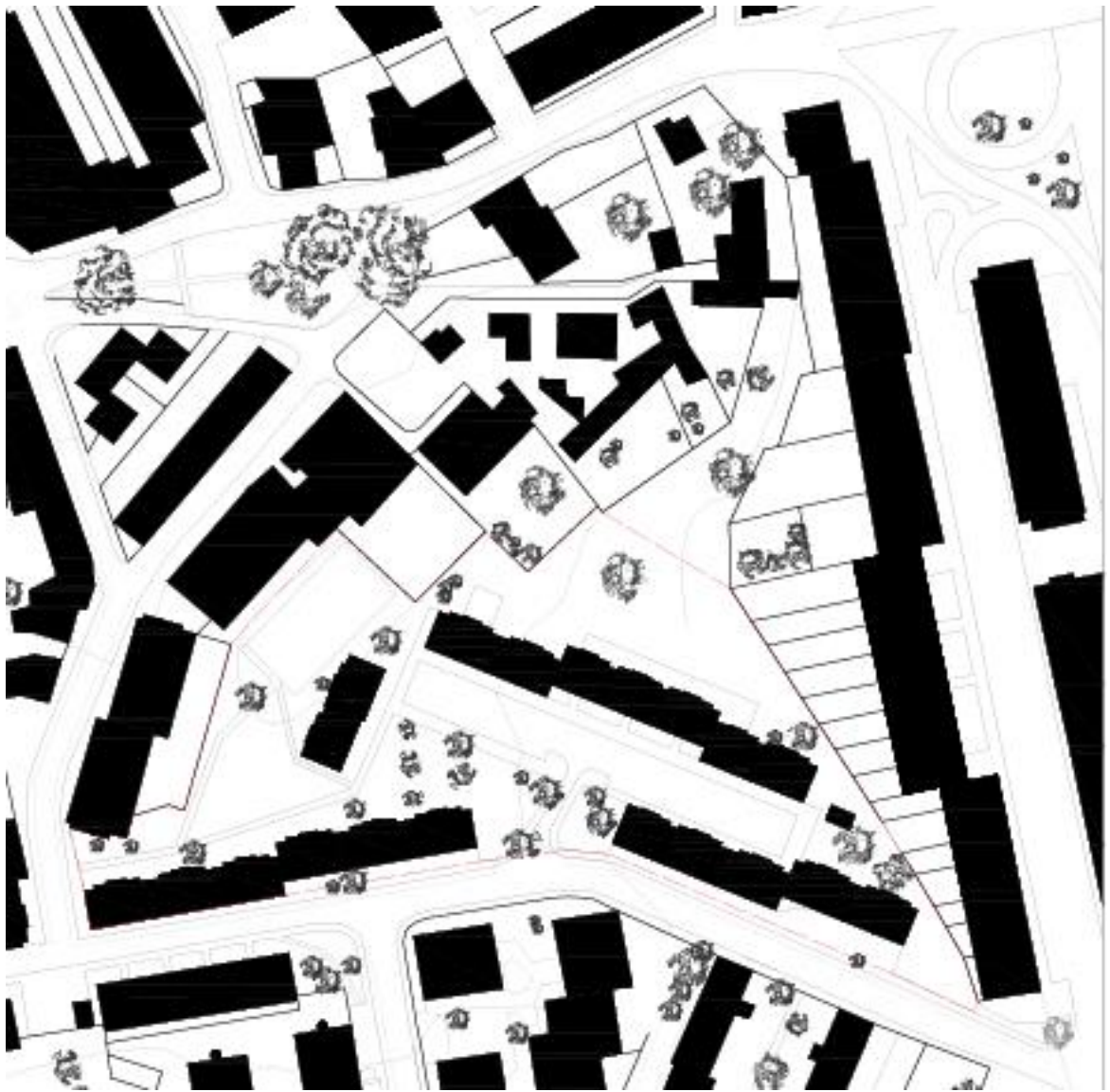


Figura 26- Planta do Bairro Social de Santa Tecla e envolvente



Figura 27 - Imagem satélite do Bairro Social de Santa Tecla. *in Google Maps*

pelo estigma do *bairro social*. Ainda neste grupo, a presença constante de toxicodependentes intermediários da venda de estupefacientes representa o fator mais influente na sensação de insegurança, designadamente por este estar também associado à ocorrência regular de assaltos às residências da envolvente, e não pela atividade de tráfico em si.

Desta forma, condiciona-se a livre circulação e utilização do espaço público do bairro, quer por residentes, quer por não residentes, limitando as possibilidades de contacto social espontâneo. Consequentemente, esta limitação dificulta o desenvolvimento do sentimento de *pertença ao lugar*, como normalmente se associa a um sentido de comunidade e relações sociais muito fortes entre vizinhos. Como confirmado pelos resultados dos questionários em que 11 pessoas afirmaram não confiar nos vizinhos, e 10 afirmaram não haver entreatajuda, estas falhas provocam ainda mais insegurança, mais uma vez num círculo vicioso.

Identificam-se assim dois tipos de segregação social. Entre os residentes do Bairro, deteriora-se o sentido de comunidade pela desconfiança entre vizinhos, e deteriora-se a vontade de pertencer ao lugar pelo descontentamento com o Bairro. Entre não residentes e residentes, a segregação social é potenciada por processos de exclusão e estigma social. Tudo isto provoca a falha na rede de vizinhança, capaz de criar vários níveis de intensidade de contacto social, naturais à própria definição de comunidade, e catalisadores para a integração social.¹

4.2_ Os problemas urbanísticos e arquitetónicos

Os problemas urbanísticos e arquitetónicos que se identificam podem ser atribuídos à envolvente, à circulação automóvel e pedonal, ao espaço exterior, ao acesso às habitações, e à relação entre o interior das habitações e o exterior. Estes elementos são problemáticos porque provocam uma fraca visibilidade e acessibilidade ao espaço exterior do Bairro, quer a partir do interior das habitações, quer a partir da envolvente do Bairro, enclausurando-o. Como já referido em capítulos anteriores, este enclausuramento provém da organização espacial do Bairro em *cul-de-sac*, e foi sendo agravado pela construção dos edifícios envolventes.

¹ (ACIDI - Alto Comisariado para a Imigração e diálogo Intercultural, 2013)

4.2.1_A envolvente, a circulação e o espaço público

No texto “Sobre Conjuntos Habitacionais”, Nuno Portas aponta como obstáculos à correta implantação da “Habitação Apoiada pelo Estado (HAE)”: o sistema administrativo; os interesses fundiários; e a falta de planeamento “de pormenor” de difícil aplicação entre a má gestão conjunta de terrenos públicos e privados.¹ Isto aplica-se ao Bairro de Santa Tecla, que como já referido anteriormente no capítulo relativo ao enquadramento histórico, foi sendo isolado pela construção dos edifícios envolventes, não enquadrados numa lógica de malha urbana. O Bairro e o seu espaço exterior ficam assim limitados entre traseiras dos edifícios envolvente, e entre muros altos. Esta situação torna-se mais problemática pela organização do Bairro em *cul-de-sac*, limitando a circulação pedonal e automóvel apenas a uma pequena parte do espaço exterior. O espaço que então sobra é de difícil acesso físico e visual, ficando desaproveitado.

Estas características do espaço exterior ao Bairro são especialmente problemáticas atendendo ao programa a que se destina. Desta forma, a fraca visibilidade e acessibilidade do espaço criam oportunidade à ocorrência de comportamentos desviantes. Ao associar uma circulação pedonal e automóvel limitada, que dificulta a entrada de visitantes não residentes, a um espaço público restringido, criou-se uma parcela de tecido urbano isolado, o que dificulta a integração social de populações já socialmente e economicamente fragilizadas.

Assim, este espaço sobranete torna-se uma área muito dominada pelo uso dos residentes, e pelo uso dos vendedores intermediários de droga, dificultando ainda mais a visita de não residentes. Esta falta de presença de não residentes potencia o sentimento de proteção para os comportamentos transgressivos, que por sua vez, aumentam o descontentamento dos residentes, deteriorando a rede de vizinhança.

O espaço público do Bairro falha também por não assegurar a presença das “personagens públicas” indicadas por Jacob como condição essencial à dinamização do contacto social coletivo. As “personagens públicas” do comércio da envolvente mais próxima, localizado num raio mínimo de 500 metros, apesar de estabelecerem algum contacto social, falham na distância ao espaço do Bairro.

¹ (Portas, Os Tempos das Formas - Vol. II: A Cidade Imperfeita e a Fazer, 2012) – pp.164-168

4.2.2_Acesso às habitações

Como analisado no capítulo anterior relativo à População, a permanência das várias faixas etárias de residentes para contacto social de diversos níveis ocorre maioritariamente nas entradas comuns de acesso às habitações. Apesar de este ser um contacto forçado pela proximidade física que o espaço impõe, ao longo dos anos foram sendo criadas relações de amizade entre vizinhos, principalmente do mesmo piso, e com uma importância ligeiramente menor, do mesmo bloco.

Segundo a tese de Nuno Portas de 1959 sobre “Habitação Social”, “o meio arquitetónico a criar deverá facilitar os encontros do primeiro e segundo nível, mas sem os coagir;”¹. Como primeiro nível, Portas identifica “o conhecimento dos outros”, e como segundo nível identifica “a cooperação ou entreatajuda”², como já explicados no capítulo referente o Suporte Teórico. Indica como condição essencial para a facilidade do contacto social nestes níveis, a criação de uma “variedade das ocasiões” e “o contacto natural com o maior número de vizinhos”, evitando criar “situações tensas e intoleráveis”. Estas situações intoleráveis criadas pela coação do contacto social evitam-se assim pela multiplicidade e liberdade de escolha na vivência quotidiana do espaço público. É assim “a família pode abrir-se apenas àqueles a quem o deseja fazer sem que, no entanto, fique isolada no dia-a-dia ou que se torne individualista.”³

Para este contacto social natural, Portas indica a importância do esquema distributivo do agrupamento habitacional, constituído por três órgãos: a entrada ou receção, o acesso vertical, e o acesso horizontal às habitações. É nestes espaços comuns de acesso às habitações onde maioritariamente se desenvolve a “vida de relação” entre vizinhos, pela partilha diária de um espaço confinado. Porém o modo de organização do acesso às habitações vai condicionar o nível e a frequência do contacto social. Se por um lado autores como Newman e Coleman defendem que é o elevado número de habitantes por piso e por entrada que prejudicam a criação da rede de vizinhança pela questão do anonimato, Portas dá maior importância à dimensão, organização e relação com o exterior destes acessos, para criar oportunidades espaciais de contacto. Defende o desenho de “rua” como opção segura,

¹ Portas, N. (2004). *Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: Manuel Mendes. Pp.111

² Portas, N. (2004).Pp.109

³ Portas, N. (2004).Pp.111



Figura 28- Planta do Bairro à cota do piso do rés-do-chão à escala 1.2000.



Figura 29 - Planta do Bloco 2 à cota do Rés-do-Chão à escala 1.200.



Figura 30- Imagens das entradas-tipo dos blocos do Bairro.

mantendo uma relação próxima com o exterior, e protegendo a entrada individual de cada habitação do espaço comum geral de distribuição horizontal.

Segundo Nuno Portas deve-se destacar o momento de entrada, “como factor do maior relevo para o estabelecimento, nas unidades de carácter intensivo” para a criação de “laços de identificação entre o morador e o seu habitat.”¹. As “soluções-tipo oficiais”² de distribuição “esquerdo e direito” são identificadas pelo autor como limitadas onde “o contacto entre vizinhança se não pode fazer nos andares com largueza suficiente”, pelas usuais dimensões reduzidas. O autor acrescenta que a “intercomunicação das famílias não se faz aqui normalmente, ao nível do andar, (...) e os conflitos inevitáveis provocam tensões entre vizinhos que (...) face-a-face, serão mais difíceis de superar”².

Este é o caso do Bairro de Santa Tecla onde a tensão entre vizinhos se agrava com questões de diferenças étnicas. Porém, nos vizinhos residentes há mais anos no mesmo piso, a partir dos questionários colocados, percebeu-se que o contacto de segundo nível, ou seja, “a cooperação e entreajuda”³, acaba por surgir por necessidade. No entanto, foi possível registar que em algumas ocasiões foi necessária a mudança de residentes para outras habitações, por situações de conflitos entre vizinhos do mesmo piso e da mesma entrada.

Tanto a entrada e receção do acesso vertical comum, como os patamares do acesso vertical e os patamares da distribuição horizontal de duas habitações por piso, a dimensões reduzidas. Desta forma não há oportunidade para permanência e encontro ocasional, que contribuiria para a criação de contacto social de segundo e terceiro nível, os de conhecimento mais profundo.

¹ Portas, N. (2004). *Habitação Social: Proposta para a metodologia da sua arquitectura*. Porto: Manuel Mendes. Pp.112

² Portas, N. (2004).Pp.115

³ Portas, N. (2004).Pp.109



Figura 31 - Imagem dos alçados-tipo frontal, posterior e lateral dos blocos do Bairro.



Figura 32 - Imagem (1) do interior da cozinha de um apartamento do Bairro.

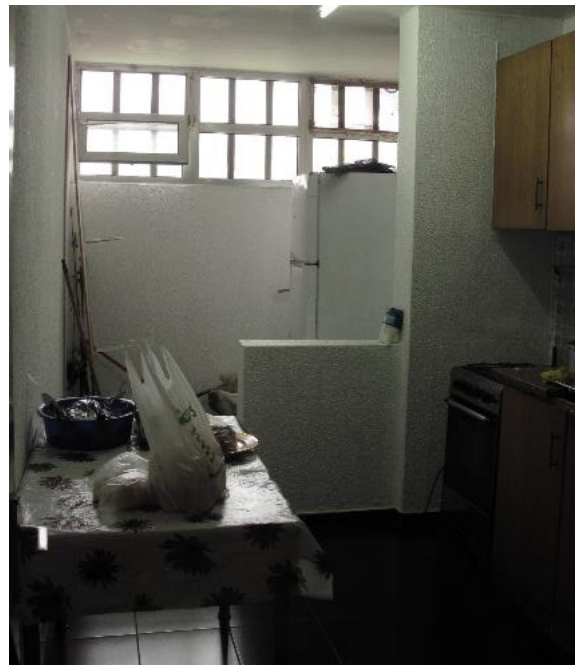


Figura 33 - Imagem (2) do interior da cozinha de um apartamento do Bairro.

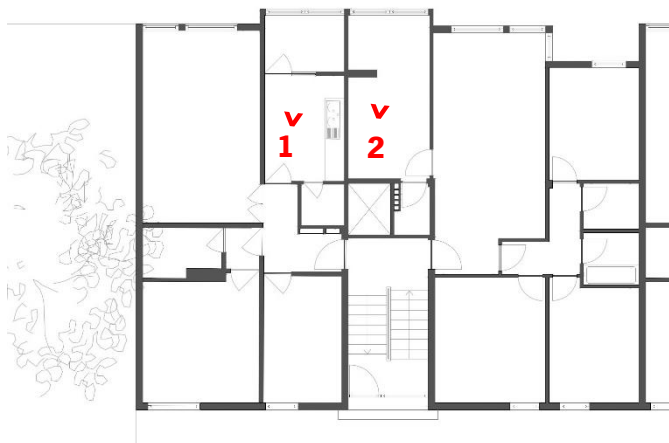


Figura 34 - Indicação da posição das figuras 30 e 31

4.2.3_Relação interior-exterior

Da mesma forma que existe uma débil relação entre a envolvente e o Bairro, existe um problema no diálogo entre a rua e o espaço privado das habitações do Bairro. A fraca visibilidade e acessibilidade ao espaço exterior a partir da envolvente acontece, também, a partir do espaço interior das habitações. As varandas de pequenas dimensões associadas ao compartimento do quarto, as janelas de altura inacessível do compartimento da cozinha, e os alçados cegos nos extremos laterais dos blocos, revelam a fraca relação com o exterior do Bairro.

Se o *cul-de-sac* e os edifícios da envolvente quebram lógicas de malha urbana, acessibilidade e visibilidade isolando o Bairro do resto do tecido urbano, o mau desenho dos vãos exteriores isola os residentes da vivência quotidiana do Bairro e da envolvente, encerrando-os no núcleo familiar. Assim dá-se uma privação do contacto social natural entre residentes e transeuntes, que diverge consoante a altura a que se encontra a habitação. No bairro foi possível observar a presença constante de residentes idosos nas varandas de altura mais baixa, ou a apropriação do espaço exterior para estender roupa e colocar mobiliário temporário como mesas e cadeiras. Esta apropriação do espaço exterior, maioritariamente associada à população cigana, acaba por aparentar uma certa informalidade, tornando-se inaceitável para alguns residentes e não residentes. Esta dificuldade de aceitação está relacionada com o uso que está culturalmente associado a certo tipo de espaço, associação esta maioritariamente feita por população não cigana, ou população cigana residente no Bairro há mais tempo.

Nota-se assim a necessidade de um espaço exterior mais flexível, que consiga ser de uso adaptável à necessidade dos residentes, conseguindo assim relacionar-se melhor com o espaço interior e privado dos núcleos familiares.

Esta relação revela-se não só importante para o fortalecimento da rede de vizinhança, como também para a natural vigilância do espaço público. E da mesma forma que esta relação proporciona um espaço público estéril, sem interesse, pelo pobre diálogo com as residências, proporciona espaços interiores de fraca qualidade, quebrando oportunidades de relação visual com o exterior. Assim dá-se a negação do espaço público.



Figura 35 - Vandalismo



Figura 36- Entradas de blocos e percursos pedonais com presença de lixo casual



Figura 37 -Lixo casual e acumulado



Figura 38 - Lixo casual e vandalismo

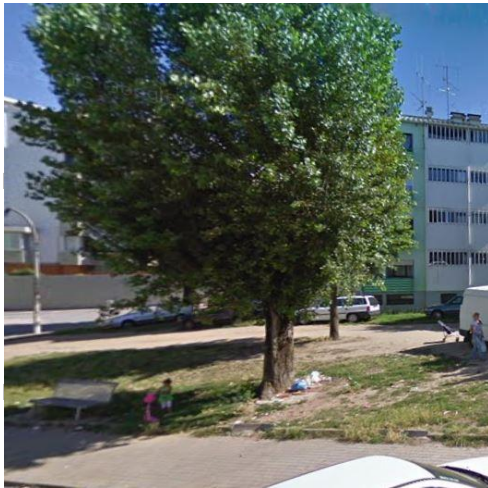


Figura 39 - Lixo casual e acumulado



Figura 40 - Vandalismo e lixo acumulado



Figura 41 - Lixo casual e acumulado



Figura 42 - Vandalismo e lixo acumulado

4.3_ Os sintomas dos problemas sociais e arquitetónicos

Pretende-se com esta próxima identificação perceber de que forma os problemas sociais se relacionam com os arquitetónicos, a partir da localização em planta dos sintomas ou provas dos problemas existentes, derivados das práticas dos moradores e ocupantes do Bairro.

Na planta apresentada, localizam-se todas as evidências enunciadas, e a quantidade ou intensidade de cada sintoma encontra-se graficamente representado através do diâmetro do elemento de identificação.

Com a observação do local em diferentes dias e horas, e com as opiniões dos técnicos entrevistados e dos residentes inquiridos, enumeram-se sintomas como:

- lixo casual e acumulado;

- lixo resultante do consumo de estupefacientes como seringas utilizadas

- ruído diurno e noturno, como portas a bater, pessoas a falar alto dentro e fora de casa, música muito alta e disparos de armas;

- vandalismo, como a destruição de equipamento exterior comum dos edifícios (campainhas, caixas de correio, portas de entrada, entre outros), de mobiliário urbano (bancos, recipientes para recolha de resíduos sólidos, postes de iluminação), e destruição de propriedade privada como janelas de caves não habitadas, com o propósito de utilizar o espaço para atividades ilegais;

- cães não tratados que pertencem aos toxicodependentes, que quando morrem são enterrados no espaço permeável perto das habitações;








Estes sintomas distribuem-se de forma geral por todo o espaço exterior do Bairro, tendo sido possível relacionar tipos, intensidades e níveis de ocorrências dos sintomas com as características morfológicas dos espaços, e consequentes tipos de usos, permanência e contacto social.

Restos de cigarros, embalagens de produtos consumíveis, panfletos publicitários, entre outros resíduos sólidos de carácter quotidiano, constituem o sintoma de maior ocorrência no Bairro, o lixo casual, que surge maioritariamente nos limites dos espaços de circulação pedonal e de permanência de todos os grupos de população. O lixo acumulado como sacos de plástico cheios, caixas de cartão,



Figura 43 - Planta com a indicação dos sintomas dos problemas sociais e arquitetônicos

Legenda:

-  Vandalismo
-  Seringas utilizadas
-  Animais enterrados
-  Animais não tratados
-  Lixo acumulado
-  Lixo casual
-  Queixa de ruído sentido

ou peças utilitárias de dimensões consideráveis, encontram-se maioritariamente em locais de pouca circulação mas de fácil acessibilidade pedonal e automóvel, e de grande amplitude visual.

Como apontado, por um comerciante da zona ao periódico *Correio da Manhã* "As marcas da droga são bem visíveis. As seringas, trapos, cascas de limão e garrafas de plástico estão em tudo quanto é esquina ou buraco mais escondido nesta zona". Estas situações são identificadas no âmbito desta investigação como lixo proveniente do consumo de estupefacientes, e em planta legendado como "seringas utilizadas". Apesar de alguns inquiridos e entrevistados terem referido o consumo em locais cada vez mais visíveis, tendo diminuído a inibição do consumo ao longo dos anos, a maioria da prática localiza-se em zonas menos visíveis e menos acessíveis. Como já anteriormente referido, identifica-se a zona de permanência constante de toxicodependentes vendedores não residentes, a Sudeste do Bairro, na frente Norte do bloco 2, como indicada na figura 16 e na figura 41. Segundo os entrevistados, foi desenvolvido em 2013 um evento de sensibilização para o zelo do espaço público, juntando dezenas de voluntários de diversos grupos populacionais, para a recolha de lixo no Bairro. Só no espaço verde mais a Norte do Bairro, o espaço com menor visibilidade e acessibilidade, foram encontradas mais de 1500 seringas utilizadas, como também lixo proveniente da prática do consumo, lixo casual e acumulado.

Alguns inquiridos referiram como um dos principais problemas da zona residencial o ruído provocado por moradores do Bairro. Na planta indicou-se a localização da residência dos inquiridos que expuseram o problema. A dimensão do círculo representa a intensidade da queixa, e resulta do facto do inquirido ter afirmado que o problema não era só sentido por ele, mas também por vários dos seus vizinhos. O ruído identificado pelos residentes do Bairro e da envolvente é apenas associado à comunidade cigana residente no Bairro que, devido à sua cultura e condição precária no mercado de trabalho, não vive segundo os mesmos horários quotidianos dos seus vizinhos. Como identificado na lista de identificação dos sintomas, foi referido por quatro inquiridos e por alguns entrevistados que ocasionalmente se ouvem tiros de armas. Dois entrevistados afirmaram que a maioria dos disparos se deve à celebração de tradições ciganas, ou festividades como o Ano Novo.

O vandalismo neste Bairro não surge relacionado com o espaço por si, mas com os elementos que constituem o espaço, como janelas de caves desabilitadas, portas das entradas comuns de acesso às habitações, caixas de correio, mobiliário urbano, entre outros. Segundo entrevistados estes atos de vandalismo são praticados principalmente por adultos, mas também por jovens, como forma de diversão, sem qualquer outro motivo associado. Apesar de não ser possível detetar relação com o

espaço, concluiu-se que o vandalismo ocorre em algumas zonas de permanência, mas possivelmente apenas justificado pela localização dos elementos destrutíveis. A vandalização de janelas de apartamentos vazios dos pisos inferiores está associada aos jovens e toxicodependentes do Bairro, para ocupação ilegal.

A presença de cães não tratados constitui outro problema muitas vezes apontado pelos residentes. A recolha dos animais pelos serviços municipais não tem sido eficiente, uma vez que os donos dos animais os vão reclamar. Outra das queixas relativas a estes animais prende-se com o seu enterro no terreno adjacente aos blocos de habitação, muitas vezes feito pelos residentes devido ao descuido por parte dos donos dos cães.

As causas relativas à forte presença de lixo casual e acumulado e ao ruído existente foram associadas à comunidade cigana residente, por vários técnicos entrevistados. Segundo estes, existe ainda na comunidade cigana uma forte diferença cultural em relação à cultura não cigana, principalmente na apropriação e uso do espaço público, o que reflete também uma falha no exercício de cidadania, como modelo imposto.

1

¹ (ACIDI - Alto Comisariado para a Imigração e diálogo Intercultural, 2013)

5_A INTERVENÇÃO

Durante a investigação por questionários, entrevistas, e pesquisa nos meios de comunicação locais, foi possível captar várias opiniões sobre a melhoria do Bairro, sendo a principal a erradicação do tráfico e consumo de droga com uma ação policial mais eficiente. Foi também afirmado por vários entrevistados e inquiridos que para a eficácia desta erradicação, era necessária uma participação de técnicos sociais mais ativa e constante.

Para tal, foi sugerida por diversos inquiridos e entrevistados a implantação do projeto já existente *Geração Tecla* no espaço do Bairro. O projeto *Geração Tecla* proporciona atualmente atividades como o apoio de técnicos para o estudo e elaboração de trabalhos escolares, formação em *TIC*, disponibilizando computadores com ligação à *internet*, e atividades artísticas e desportivas como música, dança, futebol e *ateliers* criativos. Apesar de os residentes do Bairro terem mostrado uma boa apreciação do projeto em relação às atividades para as crianças e jovens, apontaram a necessidade de atividades semelhantes para a população adulta, demonstrando vontade em participar. Esta falha foi também identificada pelos técnicos do projeto, indicando a importância de formação e atividades para a melhoria das condições laborais da população adulta do Bairro, principalmente a de etnia cigana.

A título informal, foi também apontado por alguns entrevistados a necessidade da demolição de partes dos blocos existentes para melhorar questões de visibilidade e acessibilidade em todo o espaço do Bairro.

A partir dos *media*, encontram-se sugestões como “cursos de alfabetização de adultos, outras atividades de dinamização cultural e social”², hortas urbanas, criação de uma Associação de moradores, e “outras condições de segurança, (...) outras condições de enquadramento paisagístico e ambiental, (...) condições de abertura do próprio bairro à circulação, nomeadamente também do ponto de vista da circulação automóvel”³.

A proposta que aqui se apresenta baseia-se em princípios que se consideram essenciais, tais como a liberdade de uso do espaço público pela garantia da segurança pessoal, a diversidade cultural e social própria da vivência urbana, o sentimento de comunidade e de identificação com o lugar onde se reside, e a contínua promoção da coesão social e melhoria de condições de vida. Para tal, e como

¹ (Geração Tecla, 2010)

² (Esquerda.net, 2013)

³ (Cerqueira, 2014)

será justificado adiante, torna-se necessária a atração de nova população para o Bairro, propondo-se para isso a implantação de usos apelativos, juntamente com a melhoria da qualidade do espaço público do Bairro.

Esta intervenção apoia-se na análise e investigação apresentada nos capítulos anteriores, que revelaram problemas, necessidades e obstáculos, possíveis de ultrapassar com soluções antes ponderadas nesta investigação. O programa proposto segue principalmente o “Guia Recomendativo” do LNEC, e as sugestões apontadas pelos técnicos entrevistados, com o intuito de potenciar processos de desenvolvimento social e económico¹. Mais concretamente, este programa funcional propõe atividades desportivas e recreativas, e atividades da área social, como formação especializada e apoio escolar. No programa desportivo e recreativo identificam-se elementos como uma piscina interior, um campo de jogos exterior, um ginásio e uma sala polivalente. Propõe-se também a criação de hortas urbanas, associadas a um serviço de compra e venda de bens alimentares produzidos pelos moradores. O programa social é completado com espaços para biblioteca e computadores, associação de moradores, um espaço de culto para a população cigana, e também com um centro de reabilitação destinado a toxicodependentes.

Estabelecido o programa que proporciona os motivos para a visita de não moradores ao Bairro, complementa-se a proposta com um conjunto de transformações espaciais necessárias à confortável utilização do espaço público.

¹ Cabrita, A. M., A. B., & Freitas, M. J. (2000). *Gestão integrada de parques habitacionais de arrendamento público : guia recomendativo*, pp.102-112

5.1_Os princípios

5.1.1_Para o uso livre do espaço público

Em oposição à teoria da territorialidade defendida por Newman, este projeto baseia-se no princípio do uso livre de um espaço público humanizado e vitalizado, não condicionado pelo sentimento de insegurança dos seus utilizadores, como defendido por Jane Jacobs. O sentimento de insegurança que condiciona o livre movimento pelo espaço público, ainda que fundamentado abstratamente em preconceitos e estigmas genéricos, potencia a segregação social e espacial, ao mesmo tempo que é consequência desta.

No Bairro, esta liberdade condicionada pela insegurança de residentes e não residentes, resultado da presença de tráfico e consumo de droga, é ainda agravada pelo bloqueio do Bairro relativamente à envolvente, quebrando continuidades visuais e de circulação pedonal e automóvel. Mesmo se este Bairro não tivesse os problemas sociais já referidos, a morfologia do Bairro e envolvente não oferece as condições mínimas para a sua confortável utilização por visitantes. Ou seja, como Hillier indica, o espaço do Bairro não é facilmente legível e perceptível a partir da sua envolvente, o que o torna imprevisível, na perspetiva do visitante, condicionando assim a sua acessibilidade.

Porém, a questão da “segurança não pode ser resolvida ao espalhar as pessoas menos densamente, trocando as características das cidades pelas características dos subúrbios”¹, como proposto por Alice Coleman, uma vez que quanto menos pessoas usam o espaço público, menos seguro ele se torna. Este problema também não pode ser resolvido com a divisão do espaço público em espaços semiprivados, com a construção de muros de separação que impeçam a passagem a estranhos, como defendido por Oscar Newman. Desta forma, para além de se condicionar o direito dos cidadãos à utilização do espaço público, agrava-se a segregação social, ao impossibilitar o contacto social entre diversas populações.

Assim, para esta proposta, seguem-se os princípios identificados por Hillier e por Jacobs. A clara leitura e previsibilidade do espaço que Hillier defende consegue-se ao melhorar a visibilidade e acessibilidade de todo o Bairro a partir da envolvente. Para tal, é necessária a demolição de partes de edifícios do Bairro, e a introdução de uma rua de uso pedonal e automóvel de trânsito reduzido.

¹ “security cannot be solved by spreading people out more thinly, trading the characteristics of cities for the characteristics of suburbs” (Jacobs, 1961), pp.41

Seguindo princípios defendidos por Jacobs, propõe-se também que para resolver a insegurança se deve aumentar a densidade populacional a utilizar o espaço público, e revitalizar a comunidade.

5.1.2_Para a densidade populacional

O aumento do número de utilizadores do espaço público vai consequentemente aumentar o número de contacto social de conhecimento inexistente. A necessidade da presença de estranhos, refutada por Coleman e Newman, prende-se com a questão da vigilância natural do espaço público. Como o agente da Polícia Judiciária entrevistado referiu, a presença de estranhos vai inibir o tráfico de droga, dentro e fora das habitações, como também vai inibir o consumo de droga no espaço exterior do Bairro. Esta inibição deve-se ao facto de que quem esteja a praticar a ilegalidade se vai sentir mais exposto, aumentando as probabilidades de ser identificado e punido. Porém esta densidade populacional deve ser permanente e constante a todas as horas, ainda que naturalmente inferior em horário noturno.

Da mesma forma que a densidade de utilização do espaço público contribui para a vigilância natural, também proporciona mais oportunidades de contacto social entre população de diferentes culturas, potenciando assim a integração social. Segundo o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl, “algo acontece porque algo acontece porque algo acontece”¹, o que significa que a ocorrência de um contacto social ou de uma atividade vai servir por si só de catalisador para novos acontecimentos, desde que espacialmente próximos e com uma densidade populacional significativa.

Para tal, propõe-se um conjunto de programa desportivo e recreativo, como campo de jogos exterior, piscina interior, ginásio, e um espaço polivalente para atividades recreativas como dança e teatro. O tratamento do espaço público funciona também como elemento de atração, que convida à sua utilização e permanência, a partir do desenho de zonas de estar e de um campo de jogos. Funciona também como elemento agregador dos espaços desportivos mais públicos, com os espaços sociais mais reservados. Ainda como programa atrativo, propõe-se a inserção de um espaço para pequeno comércio de bens alimentares, que comercialize, entre outros, os produtos cultivados nas hortas urbanas dos residentes. Para estabelecer uma relação de estadia mais permanente e constante nesta zona, este espaço funciona também como café, e no piso superior funciona como biblioteca, disponibilizando livros, revistas, jornais, e computadores com ligação à internet, como espaços de estudo e leitura. Com a inserção de hortas urbanas pretende-se possibilitar o cultivo de alimentos para con-

¹ “something happens because something happens because something happens” - Gehl, J. (1996). *Life between buildings - Using public space*. Copenhagen: Arkitektens Forlag. P.77

sumo próprio dos moradores, assim como a comercialização de excedentes, incentivando o crescimento económico. Desta forma, a partir de um programa funcional atrativo é possível misturar diferentes públicos para diferentes usos, no mesmo espaço, resolvendo ao mesmo tempo os problemas de organização espacial do Bairro.

Este aumento da densidade populacional não deve interferir no espaço privado e pessoal dos residentes, como defendido por Nuno Portas, e para tal, o espaço deve conseguir possibilitar a escolha entre um contacto social mais reservado ou mais público. O Bairro deve então oferecer um espaço exterior amplamente acessível e atrativo, porém com zonas mais reservadas aos moradores. Estas zonas devem estar diretamente relacionadas com a entrada nos edifícios e com a zona de hortas, garantindo assim a possibilidade de criação da rede de contacto social mais próxima entre vizinhos. Assim, diminui-se a frequência do contacto social anónimo entre moradores e não moradores, como é frequente no espaço diretamente associado ao programa recreativo e social, para aumentar a frequência do contacto social entre moradores e assim o aprofundar para níveis de contacto mais próximo.

5.1.3_Para a vitalização da comunidade

Para a vitalização da comunidade, ou seja, para o desenvolvimento de um sentido de comunidade no Bairro, é necessário criar a rede de contacto social. Só a partir do aumento da densidade populacional e da criação de programa que garanta a fixação de “personagens públicas” é que se consegue dinamizar e desenvolver esta rede de contacto. As “personagens públicas” funcionam como âncoras que agregam variados contactos sociais, e dão estrutura social ao lugar. É principalmente a partir destas pessoas e das funções que estabelecem no espaço - como por exemplo serem empregados de mesa num café - que se intercalam diferentes populações, que de outra forma permaneceriam num nível de contacto superficial.

Assim, para a requalificação do bairro, inclui-se também um conjunto de usos de carácter mais social, que estabeleçam “personagens públicas” capazes de dinamizar a rede de contacto social do bairro de uma forma mais profissional, contribuindo para uma melhor integração social. Para tal, e como sugerido por técnicos e por residentes, propõe-se a inserção de instalações para o projeto *Geração Tecla* no espaço do bairro. Esta proximidade contribui para uma melhor promoção das atividades aos residentes, e maior eficácia das ações promovidas pelos técnicos. Ao mesmo tempo facilita também a criação de um contacto social mais próximo e até mais frequente entre técnicos e residentes.

Para dar apoio às atividades deste projeto é também pensado um espaço para formação, para além dos espaços recreativos já referidos como a biblioteca com computadores, o espaço polivalente, o campo de jogos e piscina. Também como programa especificamente pensado para a população residente no bairro, é proposto um novo espaço destinado à *Casa de Culto da Congregação Cristã*, que periodicamente poderá funcionar como espaço de reunião para a Associação de Moradores. A criação desta Associação foi defendida por vários residentes questionados, e segundo técnicos entrevistados revela-se uma mais-valia para a organização e resolução de problemas do Bairro, caso seja bem gerida.

Esta rede deve assegurar a variedade de níveis e formas de contacto social, consoante a morfologia do espaço, entre a maior diversidade cultural possível. É a partir do desenho dos espaços comuns que se convida ou se constringe o tipo e intensidade de contacto, e entre certos tipos de população. No livro “Habitação Social”, Nuno Portas aponta as entradas e os acessos verticais e horizontais nas residências como elementos do espaço comum de maior importância para estabelecer o contacto entre vizinhos. É neste ponto pelo qual passam todos os vizinhos do bloco, todos os dias, e normalmente no mesmo horário. Aumentando as dimensões destes espaços possibilita-se a permanência

de encontros sociais ocasionais. Posicionando as caixas de correio numa zona com uma distância inferior a 3,75 metros¹, adicionando uma zona de fixação de publicidade e partilha de informação variada, estabelecem-se os meios necessários para criar contacto de diversas intensidades. Portas indica também as crianças como potenciadores de contacto entre os seus familiares adultos, quando no Bairro existe uma zona que convida à permanência de crianças a brincar, como o campo de jogos. Como o contacto social entre crianças se revela muito mais espontâneo e intenso do que entre adultos, potencia-se assim o cruzamento entre populações. O mobiliário exterior, como bancos e mesas, e a introdução de árvores de copa alta, estabelecem outros espaços de contacto, desde que garantam uma permanência confortável. Devem também estar posicionados numa zona de ampla e clara visibilidade de todo o espaço envolvente, e garantir uma paisagem com algum movimento de pessoas e atividades, uma vez que as pessoas gostam de observar outras pessoas.² Opta-se por não introduzir elevadores nos blocos residenciais uma vez que se revelam como espaços de difícil contacto entre vizinhos, pela pequena distância a que condicionam os utilizadores, invadindo assim o nível de contacto mais próximo entre indivíduos que não se conhecem a esse nível. Em alguns exemplos de projetos internacionais, os elevadores foram retirados por provocarem situações de alto risco para a segurança pessoal, uma vez que proporcionam o meio ideal para assaltos, pela privacidade e forma de controlo do espaço reduzido.

Edward T. Hall no seu livro “The Hidden Dimension” indica a visão, o olfato e a audição como os elementos que estabelecem a relação com o mundo exterior e entre indivíduos, estabelecendo quatro tipos de distâncias sociais³ para a cultura europeia ocidental e para a americana:

- *Distância Íntima*, de intensos afetos, expressa aproximadamente entre os 0 e os 45 centímetros.

- *Distância Pessoal*, associada à relação entre amigos e familiares, que se expressa aproximadamente entre os 45 centímetros e 1,30 metros.

- *Distância Social*, associada à conversa entre amigos, conhecidos, colegas, que varia aproximadamente entre os 1,30 e 3,75 metros.

- *Distância Pública*, superior aos 3,75 metros, associada a situações mais formais como conferências e palestras.

¹ (Hall, 1982) Hall, E. T. (1982). *The Hidden Dimension*. New York: Anchor Books Editions. Pp.113-125

² (Gehl, 1996) *Life between buildings - Using public space*. Copenhagen: Arkitektens Forlag.

³ (Hall, 1982) pp. 113-125

É assim nesta “sociabilidade urbana”¹ de variadas relações pessoais entre o afastamento ou a proximidade, de carácter físico ou psicológico, entre estranhos, vizinhos e familiares, várias faixas etárias ou culturas, que se estabelece o sentido de comunidade de um lugar, e o sentimento de pertença.

¹ (Sá, 2012) p.30

5.2_As soluções

Uma vez estabelecidos os princípios organizadores da proposta de intervenção, esclarecem-se as soluções adotadas. As alterações propostas vão desde a escala da envolvente à escala da habitação, sendo que incidem maioritariamente sobre o espaço público.

5.2.1_Para a previsibilidade do espaço

A permeabilidade e previsibilidade do espaço estão diretamente relacionadas com a questão da insegurança. Quanto mais acessível visual e fisicamente for um espaço, mais previsível ele se torna, uma vez que proporciona uma amplitude visual maior. Desta forma, a insegurança sentida pelos transeuntes, moradores ou não moradores da zona residencial será diminuída, contribuindo assim para um uso mais livre do espaço público.

Para tal, são escolhidas um conjunto de medidas:

- Demolição de unidades de apartamentos dos blocos existentes: a medida mais significativa na transformação da visibilidade do espaço do Bairro é a demolição seletiva do número mínimo necessário de apartamentos existentes, como indicado na figura 45, num total de 52 fogos. Apesar de ser uma medida extrema, ao eliminar habitações disponíveis para alojamento, torna-se fundamental para a eficácia desta requalificação. Propõe-se também a demolição dos elementos verticais que compõem a fachada dos blocos, nas áreas de acesso vertical em escadas, uma vez que limitam a visibilidade para o interior desta zona comum, inibindo assim a ocorrência de situações mais problemáticas (figura 44). Propõe-se também a demolição do bloco 4 inteiro, uma vez que a sua localização bloqueia o acesso físico e visual ao terreno onde se localiza atualmente o campo de jogos. Desta forma é possível implementar nesta zona o programa de uso recreativo, criando relações visuais e físicas com todo o espaço do Bairro.

- Criação de percursos exteriores contínuos nas entradas do bloco 1: como indicado na figura 45, opta-se pela demolição de pequenas partes dos apartamentos do primeiro andar, juntamente com as escadas de acesso a este piso, permitindo criar aberturas da Rua Nascente, para a fachada norte do bloco 1. Desta forma segue-se uma das condições de Jane Jacobs, relativa à existência de várias alternativas de percurso pedonal para diminuir a insegurança dos peões. Por outro lado permite alguma amplitude visual do terreno localizado a norte deste bloco, para quem se desloque na Rua Nascente.

- Abertura de uma via de trânsito reduzido unindo os extremos Norte e Sul do Bairro: desenha-se esta via de duas faixas de circulação, de forma a ter que demolir o mínimo possível de edificado existente, procurando também que atravessasse uma área central do Bairro, permitindo assim uma maior amplitude visual. A passagem desta via cria um atalho entre duas ruas de movimento moderado, facilitando assim a circulação automóvel e pedonal. Porém, para a execução desta medida seria necessária a demolição de uma propriedade privada, atualmente em ruínas, e a expropriação de uma pequena parte de um terreno privado, como indicado na figura 45. Compreende-se esta medida como base desta requalificação, uma vez que é através da sua implantação que se proporcionam novos fluxos de circulação contínua num espaço atualmente intersticial e sobranete.



Figura 44 – Indicação a vermelho dos elementos verticais a demolir nas entradas comuns dos edifícios



Figura 45 - Planta com indicação das medidas para melhorar a previsibilidade do espaço

Legenda:

- Área de intervenção
- Nova via de trânsito reduzido
- Partes dos edifícios a demolir
- Passagens pedonais
- Habitação privada a demolir

5.2.2_Para a atração de população

A presença de população residente e não residente no espaço do Bairro, como já referido anteriormente, revela-se fundamental para a vigilância natural e para o desenvolvimento da rede de contacto social, necessária à (re)vitalização da comunidade. O problema do anonimato, como defendido por alguns autores e já mencionado nos capítulos anteriores, torna-se uma qualidade para a inibição do tráfico e consumo de droga neste caso de estudo e mediante os seus problemas concretos. Porém, é importante separar claramente as zonas de espaço público de contacto social mais anónimo, e contacto social de “amizade”, relacionando um e outro em proximidade com os programas recreativos e as habitações, respetivamente. Assim, propõem-se as seguintes medidas:

- Espaços públicos hierarquicamente diferenciados: a organização espacial desta proposta desenvolve-se a partir do diálogo entre dois núcleos de edifícios separados pela via de trânsito reduzido. O núcleo mais a sul estrutura a entrada principal ao Bairro, capaz de atrair população pela curiosidade que este núcleo provoca. Desta forma, desenham-se duas zonas de espaço público de receção. A primeira, localizada a Este do núcleo, recebe os transeuntes num espaço de diálogo entre a entrada para o edifício da biblioteca, do café e mercearia, e a entrada para o espaço de trabalho dos técnicos da *Geração Tecla*. A segunda, localizada a Oeste deste núcleo, recebe mais discretamente, os transeuntes para a zona de esplanada do espaço onde funcionam o café e a mercearia. A partir destas duas receções acede-se à praça central articuladora do diálogo entre os dois núcleos. É esta praça que articula também a hierarquização dos espaços públicos particularmente referentes ao programa que se propõe. Assim desenvolve-se o espaço público de estar e convívio público geral associado ao programa de café, o espaço público de estar e convívio mais reservado associado ao programa habitacional e organizado pela disposição do mobiliário urbano e vegetação, e o espaço público de estar e convívio associado ao programa educacional relativo à sala de formação. Com maior destaque, desenvolve-se o espaço público de uso recreativo, associado ao núcleo localizado mais a Norte, potenciador de utilizações informais por parte das crianças do Bairro. Para este efeito utiliza-se a vegetação como elemento de proteção e definição desta área, localizada entre o bloco 1 e a entrada principal para o edifício de uso recreativo, contando com o rampeado. Para além de funcionar como acesso pedonal a pessoas com mobilidade reduzida, este rampeado proporciona o uso informal para atividades desportivas radicais relacionadas com bicicletas, *skates*, entre outros meios de deslocação não motorizados. Frontalmente à entrada do edifício de uso recreativo desenvolve-se uma área de

recepção, parte dialogante com a praça central do núcleo mais a Sul, que contempla o acesso frontal à *Casa de Culto*, localizada no piso superior do edifício relativo ao espaço de trabalho dos técnicos da *Geração Tecla*, e à Sala de Formação. Na zona mais Sudeste do Bairro, localiza-se um espaço público secundário, com uma forte relação com a via pública, encaminhando uma entrada secundária para a zona habitacional dos blocos 2 e 3. A partir deste espaço público acede-se também à área relativa às hortas urbanas, localizadas a Norte do bloco 3. Como tal, este espaço público, apesar de ter uma forte relação com a via pública, procura estabelecer um filtro a partir da disposição de vegetação, para subtilmente proteger a zona associada ao programa habitacional. No piso superior relativo à entrada do edifício de uso recreativo, localiza-se um campo de jogos, estruturando um espaço público diretamente associado à prática desportiva. Este espaço funcionará também como elo de ligação entre a população universitária, a população do Bairro e a não residente, uma vez tratar-se de um programa genericamente apelativo.

- Criação de espaço de café e mercearia, e espaço de biblioteca: este edifício funciona como elemento articulador e captador de população não residente, pelo seu carácter mais lúdico. Como tal está localizado estrategicamente de forma a estruturar a entrada principal do Bairro, convidando quem percorre a Rua Nascente. Apesar de exercer o espaço privilegiado para as atividades da Geração Tecla mais relacionadas com a participação escolar das crianças do Bairro, a biblioteca procura também estabelecer um contacto forte entre os universitários do Complexo Residencial e os moradores do Bairro. Tanto o café como a biblioteca funcionam como elos de ligação entre estas duas populações, uma vez serem espaços tipicamente utilizados por universitários durante o período letivo.

- Criação de espaços de uso recreativo: a piscina interior, o campo de jogos exterior, o ginásio e a sala polivalente, organizam o programa de uso recreativo proposto. Estas atividades podem tanto ser geridas de forma privada, convidando à utilização pública indiscriminada, como podem servir de apoio às atividades organizadas pela *Geração Tecla*. Todos estes espaços estão equipados com balneários e instalações sanitárias de utilização exclusiva, articulados com a entrada principal deste edifício. A sala polivalente poderá funcionar como espaço para diversas atividades como aulas de dança, aeróbica, teatro, entre outras, à qual está exclusivamente ligado um espaço de arrumos para o diverso material de apoio às atividades. A piscina interior foi pensada como elemento de forte carácter atrativo, pela apreciação da população em geral deste tipo de programa. Pelos mesmos motivos foi pensada a criação do ginásio, elemento sugerido por alguns residentes e não residentes questionados, e o campo de jogos, várias vezes identificado como imprescindível por todos os questionados. Desta forma, e através de programas e atividades devidamente organizadas, é possível estabelecer vários pontos de contacto social entre as mais diversas populações, servindo também como elementos para o contacto social e sentimento de comunidade.

LEGENDA:

1_NÚCLEO SUL

1.1_SALA DOS TÉCNICOS DA *GERAÇÃO TECLA*

1.1.1_ARRUMOS E ARQUIVO

1.1.3_INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

1.2_SALA DE FORMAÇÃO

1.2.1_ARRUMOS

1.3_CAFÉ E MERCEARIA

1.3.1_ZONA DE DISPOSIÇÃO DOS PRODUTOS DE MERCEARIA

1.3.2_INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

1.3.3_ARRUMOS

1.4_ESPLANADA

1.5_PRAÇA CENTRAL

1.6_BIBLIOTECA

1.6.1_ZONA DE ATENDIMENTO

1.6.2_ZONA DE LEITURA

1.6.3_ZONA DE DISPOSIÇÃO DE LIVROS E REVISTAS

1.6.4_ZONA DE COMPUTADORES

1.7_CASA DE CULTO

2_NÚCLEO NORTE

2.1_RECEÇÃO DOS ESPAÇOS DE USO RECREATIVO

2.2_BALNEÁRIOS E INSTALAÇÕES SANITÁRIAS DE APOIO AOS ESPAÇOS DE USO RECREATIVO

2.2.1_CABINES PARA VESTIÁRIOS E DUCHE DE USO EXCLUSIVO AOS UTILIZADORES DA PISCINA

2.3_SALA POLIVALENTE

2.4_GINÁSIO

2.5_PISCINA

2.6_CAMPO DE JOGOS

2.7_CENTRO DE REABILITAÇÃO

2.7.1_SALA DE ESPERA

2.7.2_SALA DE ACTIVIDADES

2.7.3_GABINETES MÉDICOS

2.7.4_ARRUMOS E ARQUIVO

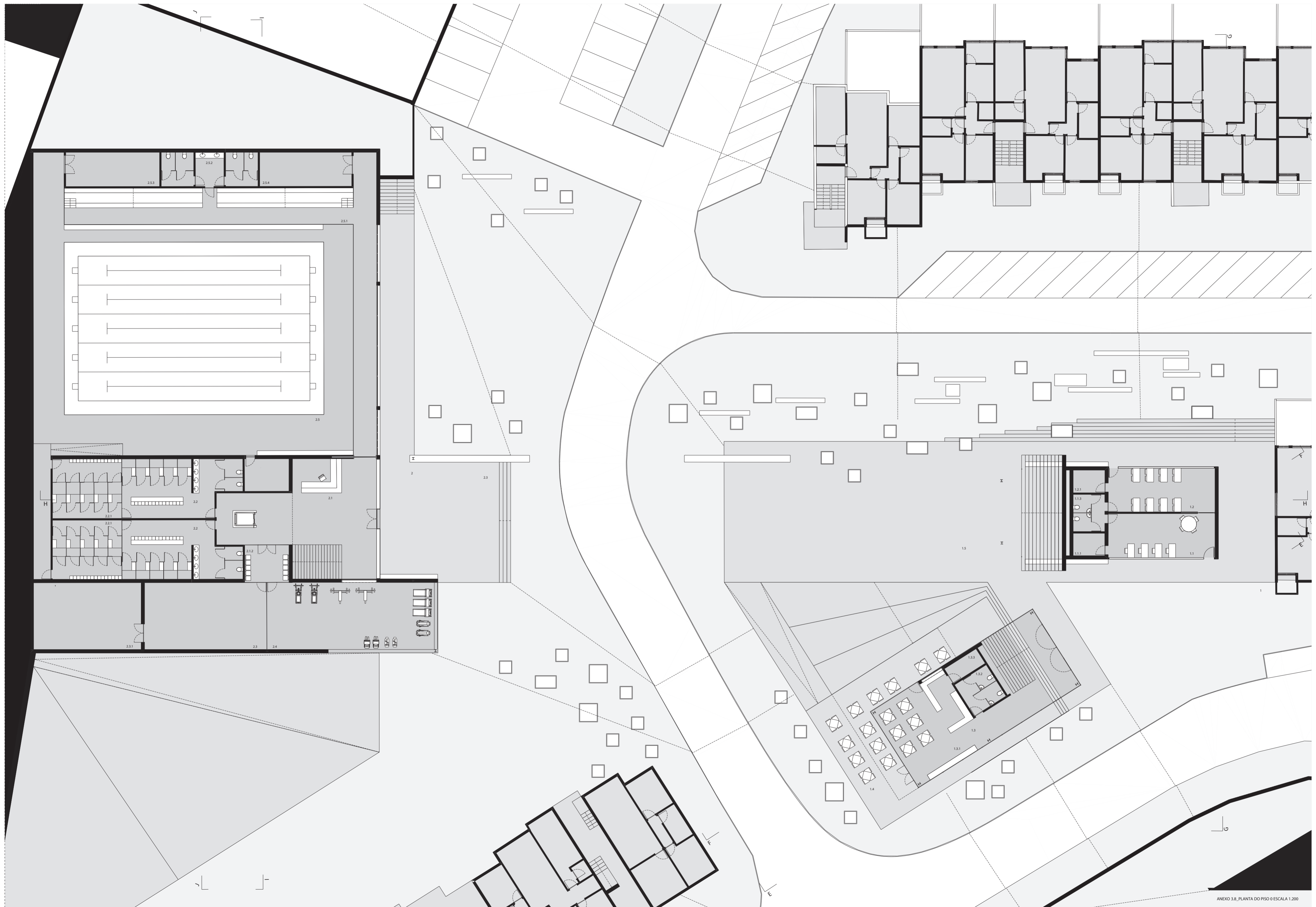
2.7.5_INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

3_HORTAS URBANAS E JARDINS PRIVADOS

4_RAMPA PARA PESSOAS COM MOBILIDADE CONDICIONADA







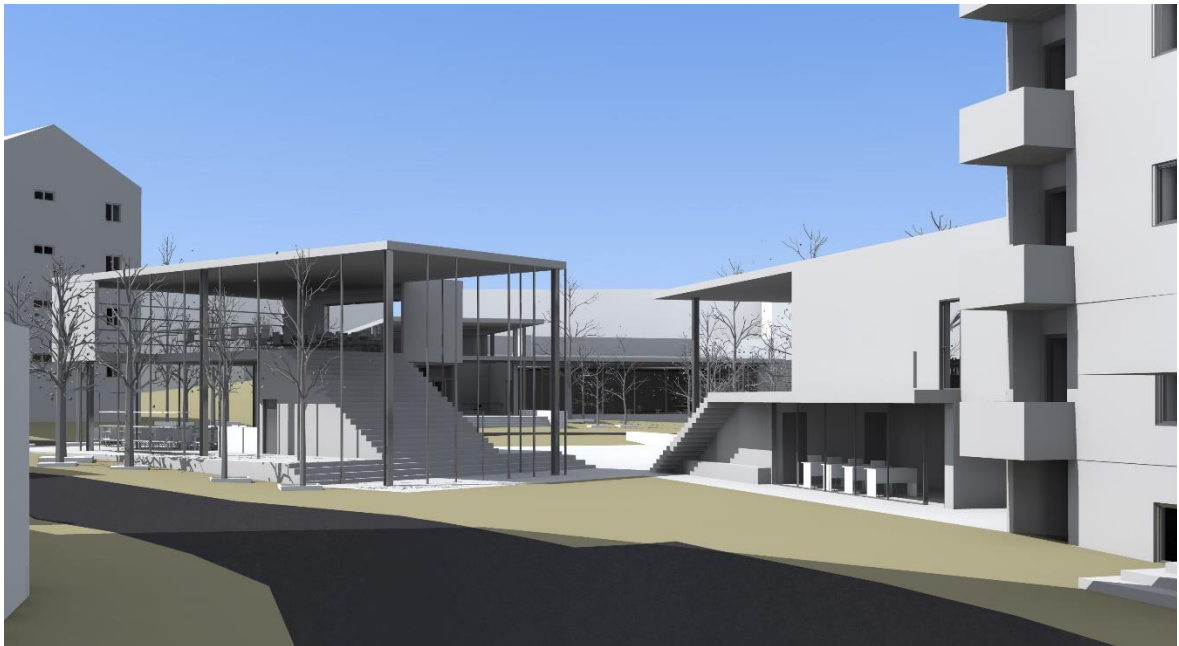


Figura 49 – Núcleo Sul (1) Zona Este. Edifício do café, mercearia e biblioteca à esquerda, e entrada para a sala dos técnicos à direita

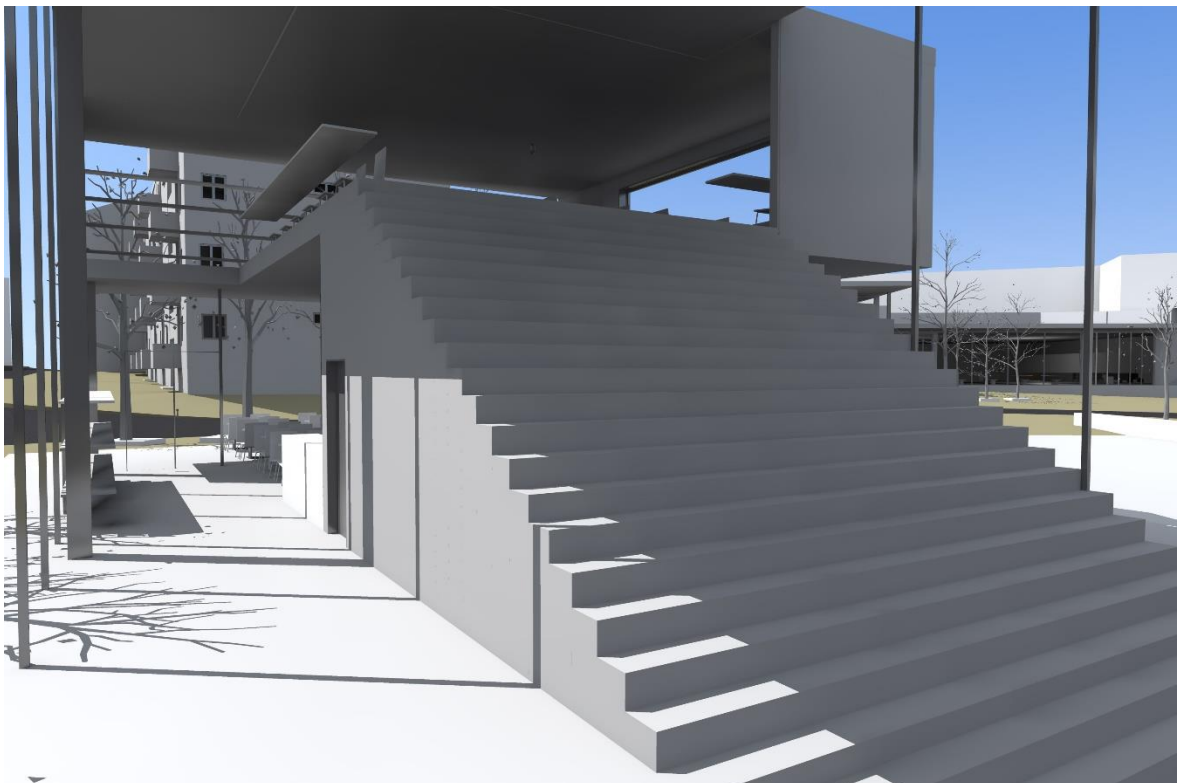


Figura 50 – Núcleo Sul (1) Acesso em escadas à biblioteca. Passagem à esquerda, para o café e mercearia.

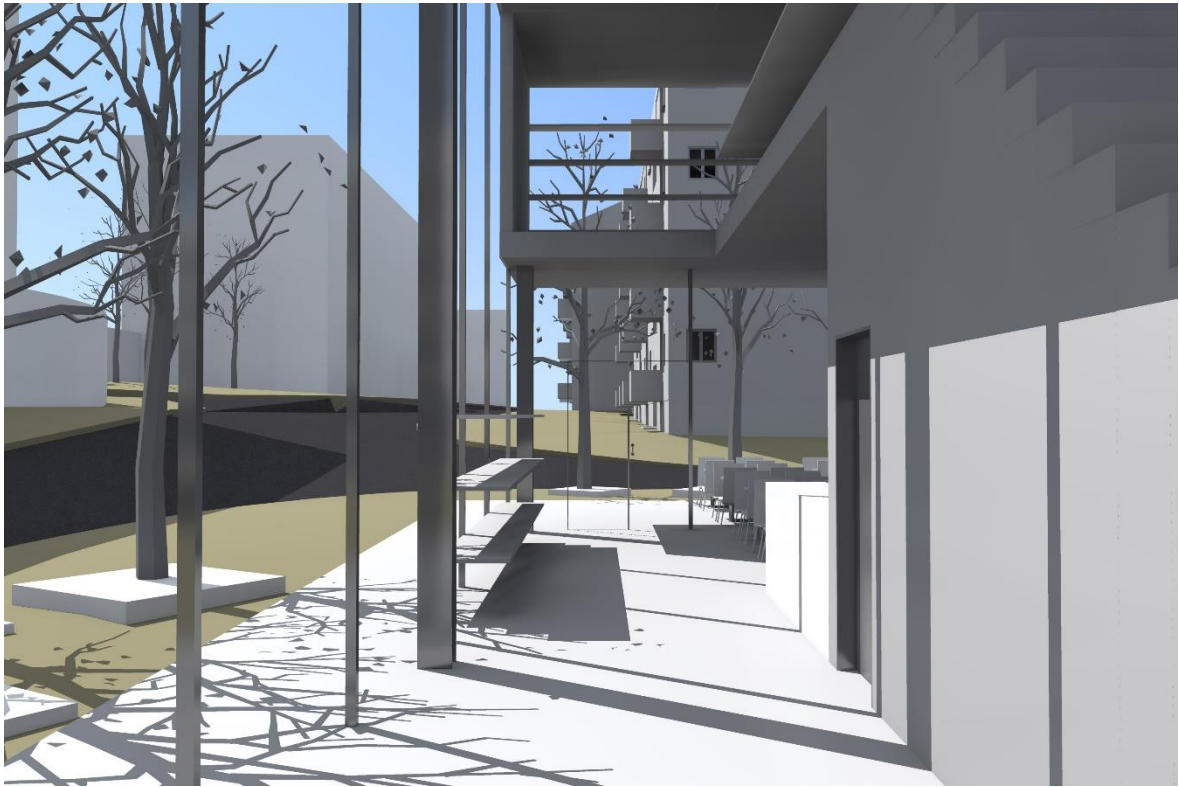


Figura 51 – Café e mercearia.



Figura 52 – Esplanada do café. Zona Oeste do núcleo Sul (1)

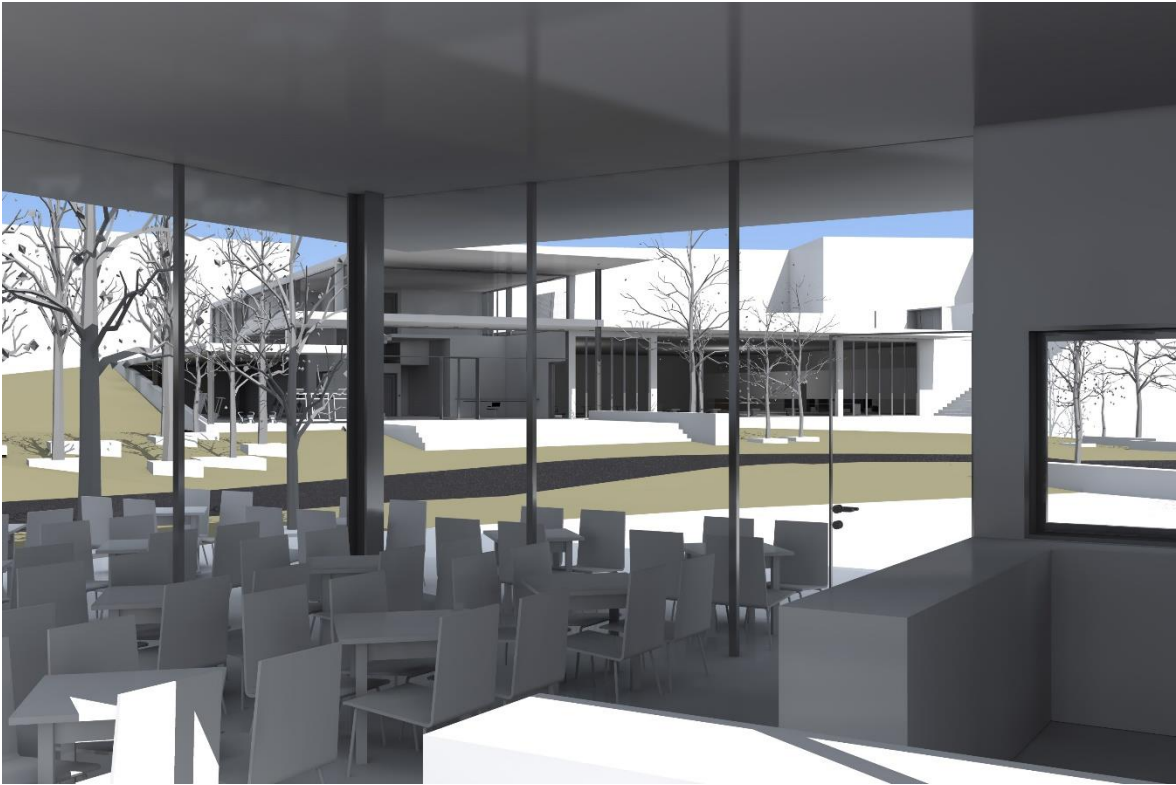


Figura 53 – Café

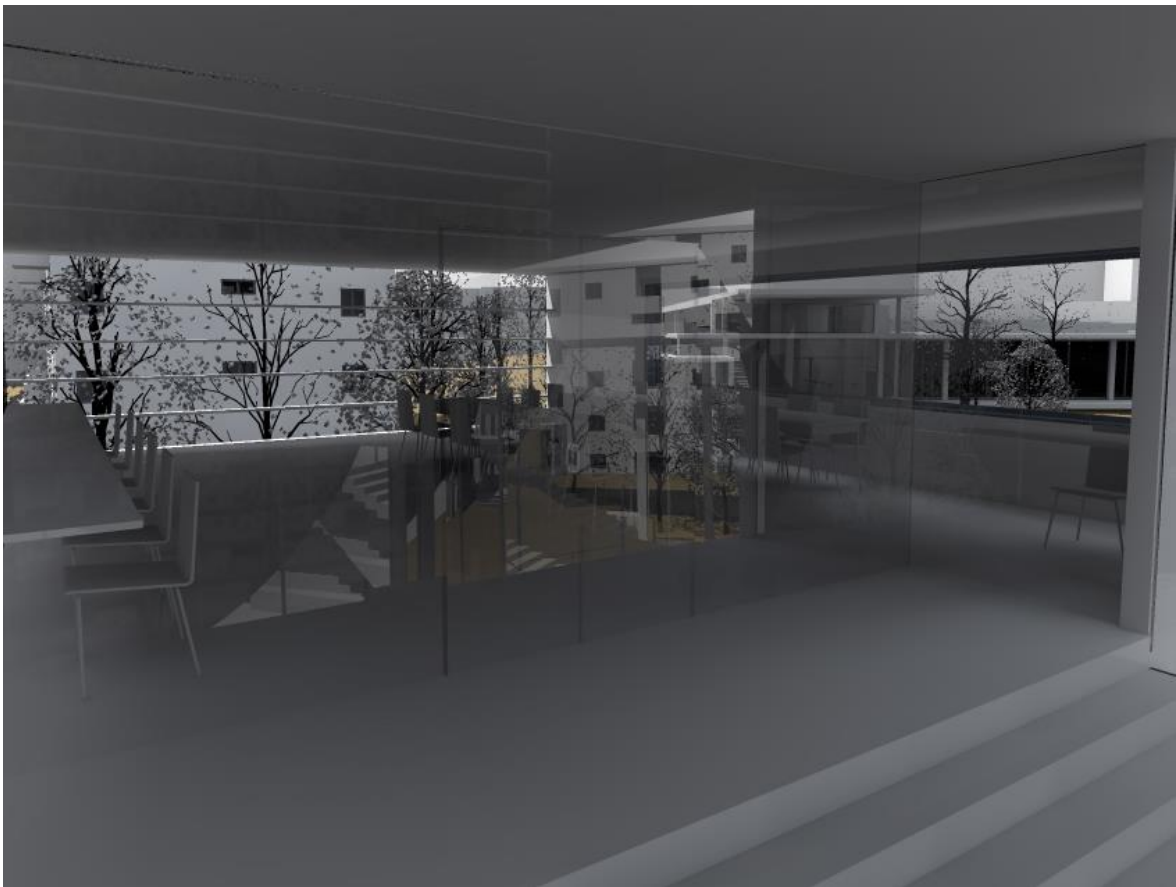


Figura 54 – Entrada para a biblioteca



Figura 55 – Biblioteca - Zona de computadores, zona de disposição de livros e revistas, zona de leitura



Figura 56 – Biblioteca



Figura 57 – Núcleo Norte (2) – Edifício dos usos recreativos

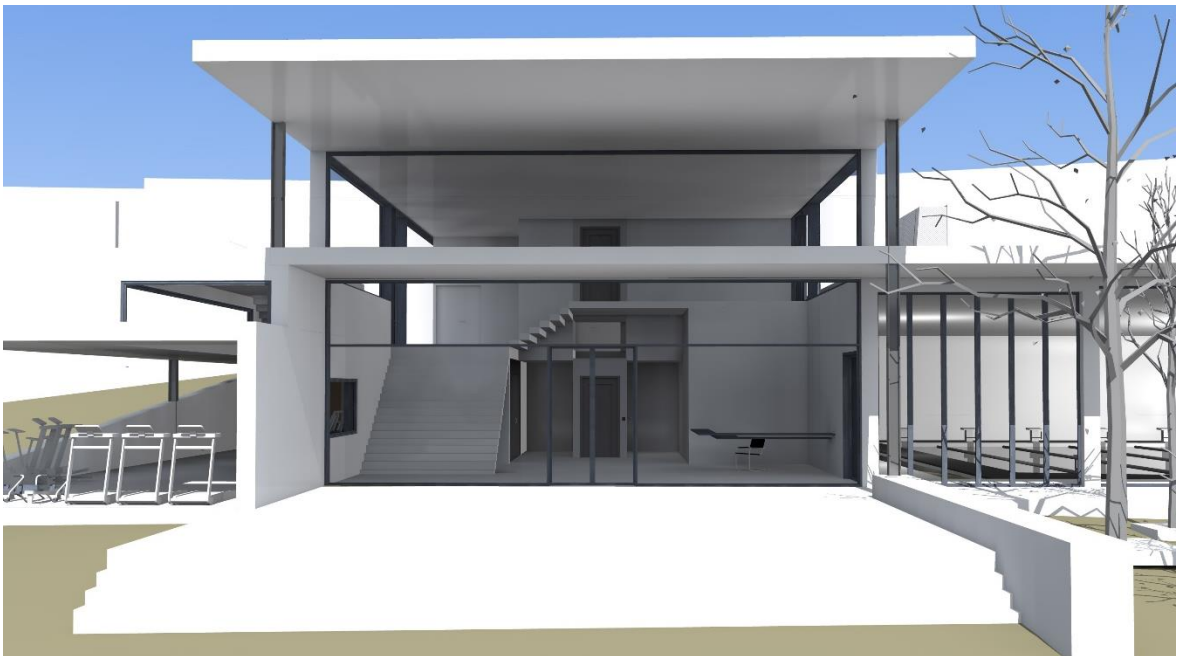


Figura 58 – Entrada principal do edifício dos usos recreativos

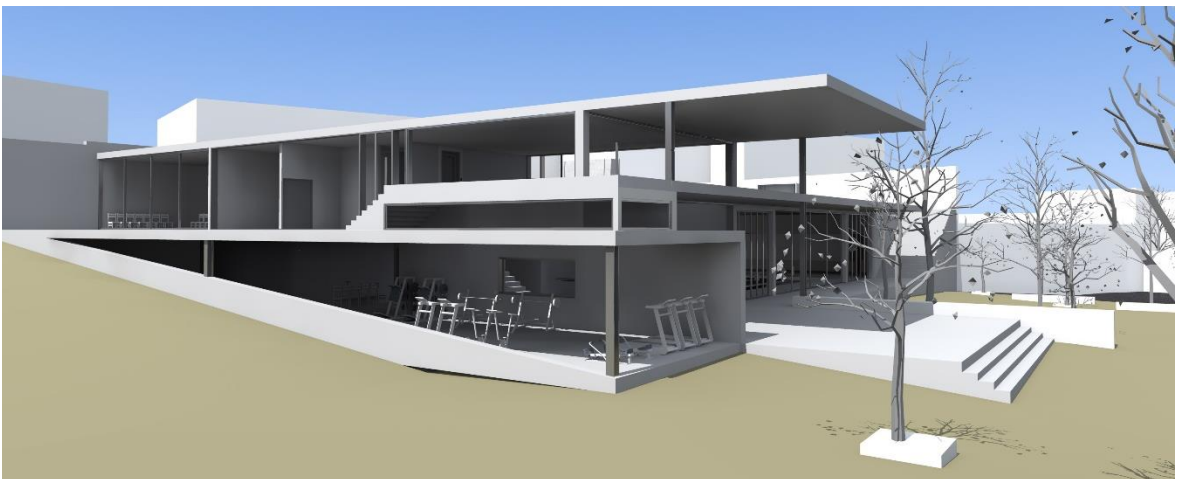


Figura 59 – Edifício dos usos recreativos



Figura 60 – Entrada principal do edificio dos usos recreativos

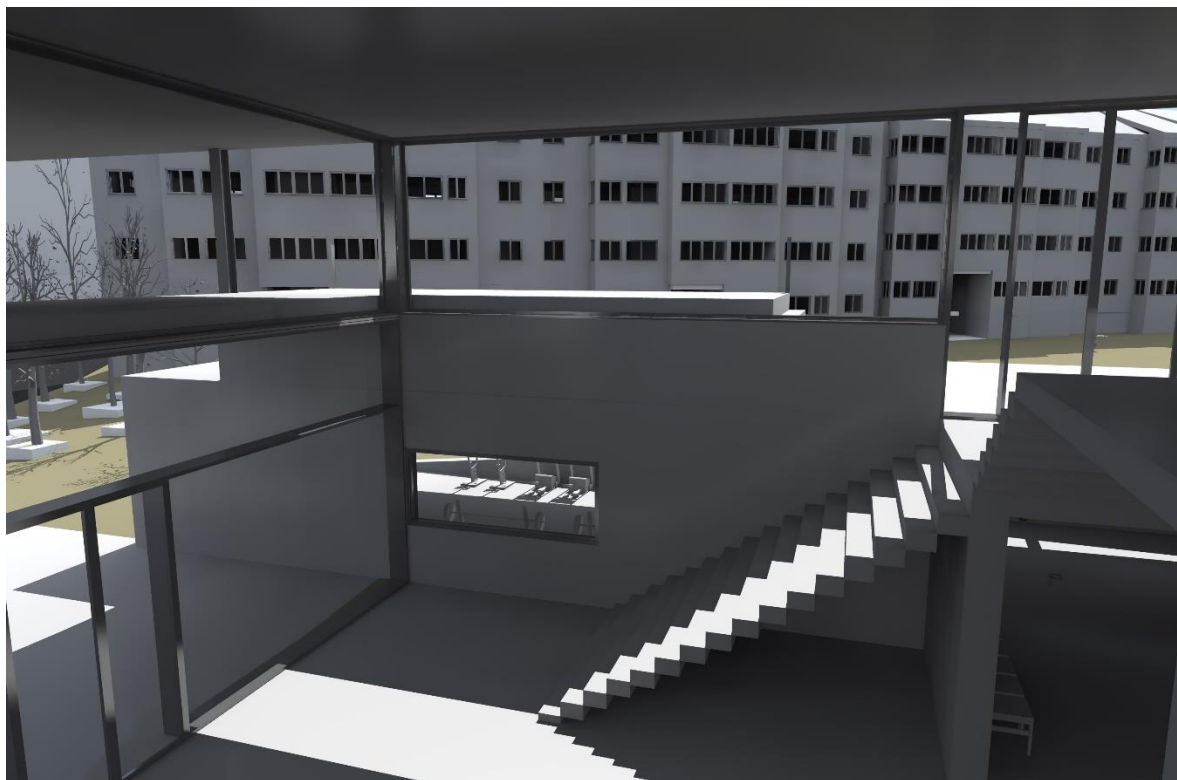


Figura 61 – Entrada principal do edificio dos usos recreativos



Figura 62 – Entrada principal do edifício dos usos recreativos



Figura 63 – Sala polivalente e ginásio



Figura 64 – Campo de jogos exterior

5.2.3_Para o contacto social e sentimento de comunidade

A existência de uma comunidade é das maiores qualidades que se associam à definição popular de bairro. Esta definição engloba por si só o sentimento de pertença ao lugar, a partir da existência de uma sólida rede de contacto social entre os seus residentes. Para contrariar o fenómeno do estigma social associado genericamente aos bairros sociais, e para inverter a desvalorização da imagem do bairro de Santa Tecla, deve-se incentivar este processo de enraizamento. Para tal, são propostas as seguintes medidas:

- A presença das “personagens públicas”: é a partir da implementação de todos o programa proposto que se fixam as “personagens públicas” do Bairro. Estas personagens poderão ser os técnicos da *Geração Tecla*, os funcionários do café e mercearia, da biblioteca, da receção do programa recreativo e da receção do Centro de Reabilitação. Porém, são os técnicos da *Geração Tecla* as personagens públicas com maior destaque na articulação da rede de contacto social entre as várias populações, uma vez que também funcionam como elementos de vigilância e gestão natural e quotidiana de todo o Bairro. No “Guia recomendativo”, do LNEC, é recomendada a presença de um “zelador”, como “personagem pública” responsável pelo Bairro, evitando situações de comportamentos transgressivos e negligentes. Esta ideia também foi sugerida pelo agente da Polícia Judiciária entrevistado. Esta personagem deve ser um morador do Bairro, amplamente reconhecido por todos os moradores, e socialmente bem conectado com eles, a fim de exercer um papel de autoridade respeitada no Bairro.

- Reformulação do acesso às habitações: este espaço é várias vezes indicado por análises a conjuntos habitacionais problemáticos como espaço privilegiado neste tipo de conjuntos habitacionais, já mencionado anteriormente, nos capítulos “Suporte Teórico” e “Os Problemas urbanísticos e arquitetónicos”. Desta forma propõe-se a ampliação do patamar de receção e distribuição para as respetivas habitações, complementando-o com uma ampla cobertura. Nesta zona localizam-se as caixas de correio, de forma a provocar o contacto social ao disponibilizar um uso numa área confortável de estar.

- Criar novos pontos de contacto entre exterior e interior: Como já referido no capítulo “Os Problemas Urbanísticos e Arquitectónicos”, o fraco contacto entre interior e exterior das habitações isola os residentes ao seu núcleo familiar. Desta forma, perdem-se oportunidades de contacto não só visual entre residentes e transeuntes, que podem potencializar a vitalização da comunidade. A existência de um maior número e área de vãos exteriores nas habitações, também contribui para a vigilância natural do espaço exterior do Bairro, inibindo até algumas situações de atos transgressivos e negligentes.

- Jardins nas habitações térreas e Hortas urbanas: pelos mesmos motivos do ponto anterior, os jardins privados nas habitações térreas tornam-se essenciais ao bom funcionamento da requalificação na sua totalidade. Para além de melhorar a qualidade de vida dos residentes, contribui também para uma maior responsabilização no espaço público. As hortas urbanas seguem os mesmos princípios, contribuindo da mesma forma para o espaço público e qualidade de vida dos residentes, porém com a ligeira diferença, em relação aos jardins privados, de que não estão diretamente relacionados com o espaço interior das habitações. Este tipo de programas contribui também para a introdução de espaço verde no Bairro, evitando custos acrescidos de manutenção para as entidades públicas, uma vez que se tratam de espaços privados. Como forma de promoção da qualidade de vida dos residentes, propõe-se o programa da mercearia como elemento de venda dos produtos alimentares produzidos nestes espaços privados, como forma de rendimento económico.

- Implementação do projeto *Geração Tecla no Bairro*: como já mencionado, este projeto vai estimular socialmente toda a comunidade, a partir de atividades lúdicas, educativas e recreativas, como também da boa gestão natural do Bairro pela sua presença quotidiana. Este programa encontra-se estrategicamente localizado no espaço central do projeto, de forma a estabelecer um primeiro contacto com os transeuntes ao mesmo tempo que estabelece o contacto com a comunidade do Bairro.

- Espaço para a Casa de Culto da Congregação Cristã: este programa atua como símbolo da presença da comunidade cigana neste Bairro. Este programa é privilegiadamente localizado de forma a estabelecer uma posição elevada e central a todo o Bairro, ao mesmo tempo que cria um elo de diálogo visual entre o núcleo de uso recreativo. O acesso ao seu interior é feito por uma escadaria virada para a praça central, que pode ser também utilizada como zona de estar e convívio, ou até como anfiteatro, servindo a praça de palco. A sua organização interior permite a realização de variados tipos de atividades, com uma entrada principal filtrada por uma antecâmara e duas portas de acesso lateral para o outro extremo do espaço interior. Um dos exemplos de outras atividades que podem ser realizadas neste espaço periodicamente são as reuniões da Associação de Moradores, a visualização de filmes, e realização de palestras.

- Criação do Centro de reabilitação para toxicodependentes: este espaço torna-se importante para estabelecer um contacto com o grande número de população toxicodependente que frequenta o Bairro, e ao qual este é atualmente associado. Para além desta população toxicodependente não residente, foi também afirmado por vários entrevistados que mesmo entre os moradores do Bairro o número de toxicodependentes tem vindo a aumentar, preocupação partilhada por técnicos da *Geração Tecla*. Desta forma, este espaço pode não só servir para estas duas populações referidas, mas também para população bracarense em geral. A sua localização foi estrategicamente escolhida para ter uma relação direta com o programa de uso recreativo. Tal como indicado no “Guião Recomendativo” do LNEC, o combate e prevenção ao uso de drogas é facilitado com a relação próxima a atividades desportivas. A sua organização interior tem continuidade com o espaço de entrada principal do edifício dos usos recreativos, disponibilizando uma sala de atividades de grupo, apoiada por uma área de arrumos gerais, e por dois gabinetes técnicos, para consultas de acompanhamento médico. A sala de atividades relaciona-se visualmente e fisicamente com o amplo espaço público mais reservado à utilização informal de crianças, permitindo a realização de atividades no exterior. Os gabinetes médicos relacionam-se visualmente com o espaço de piscina interior e com o espaço de campo de jogos, o que foi possível de obter pela sua cota de piso intermédia em relação ao piso da piscina.



Figura 65 – Entradas comuns do bloco 3



Figura 66 – Novos pontos de contacto entre exterior e interior. Bloco 3



Figura 67 – Entradas comuns do bloco 3.



Figura 68 – Bloco 3 e zona de estar e convívio associada ao programa habitacional



Figura 69 – Hortas urbanas e jardins privados Bloco 3



Figura 70 – Sala dos técnicos da *Geração Tecla*



Figura 71 – Entrada para a *Casa de Culto*

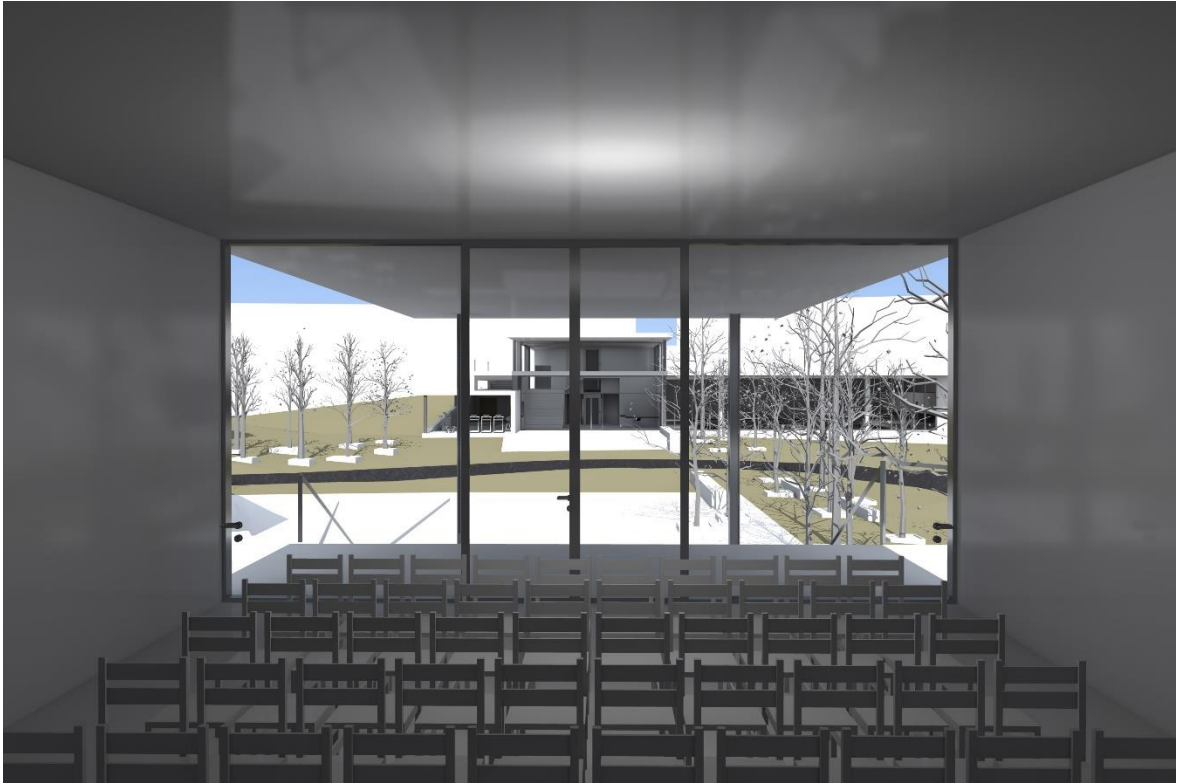


Figura 72 – Casa de Culto

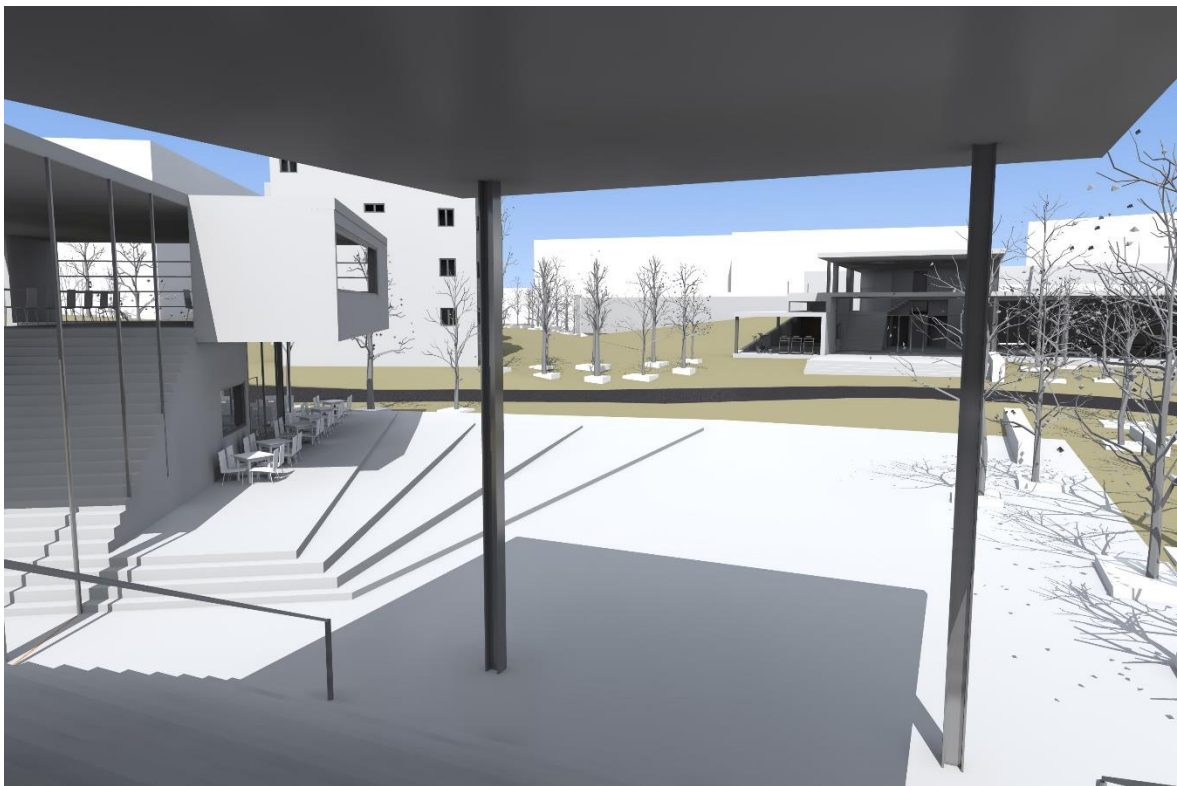


Figura 73 – Praça central

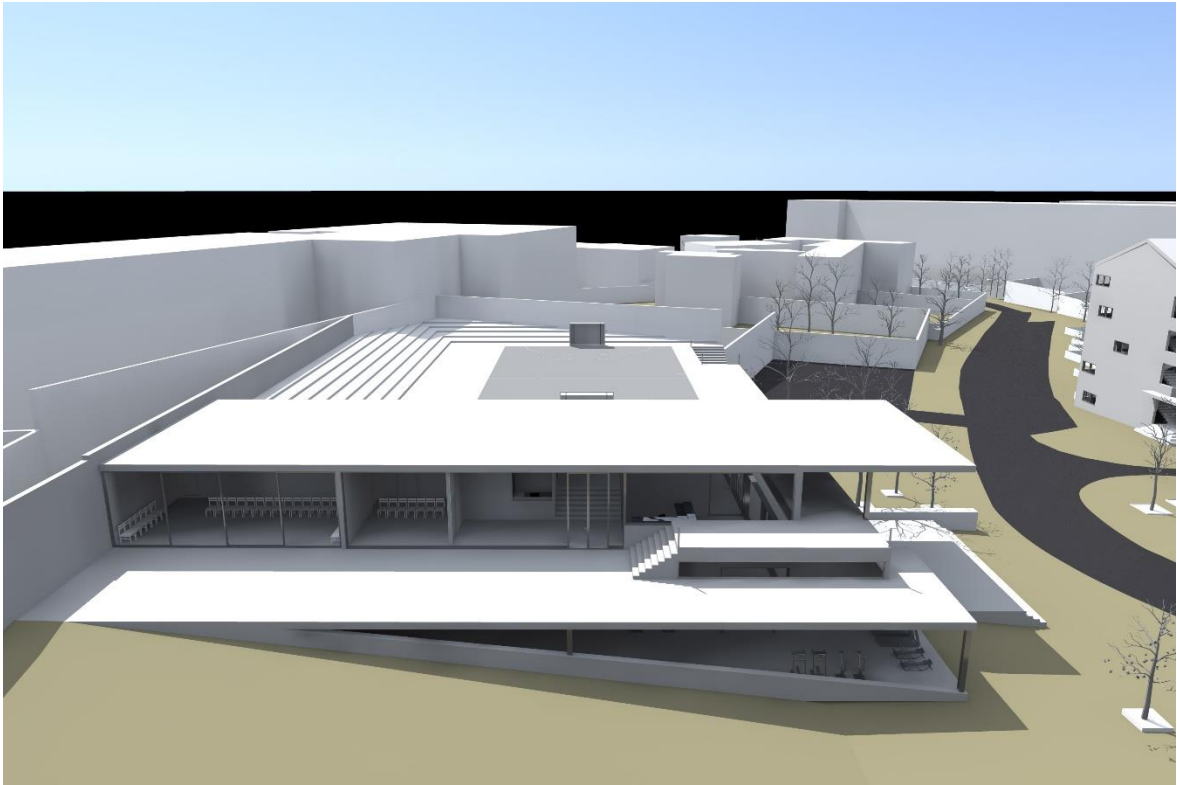


Figura 74 – Centro de Reabilitação e rampeado.



Figura 75 – Centro de Reabilitação

CONCLUSÕES

Durante este processo de investigação foi possível compreender que as soluções de requalificação de conjuntos habitacionais problemáticos são diferentes de autor para autor, contrariando-se até em alguns pontos. Este facto conduz à dedução de que ainda não existem estudos que certifiquem a eficácia e o sucesso de qualquer conjunto de medidas a aplicar na requalificação destes espaços. Porém, tais certezas revelam-se complexas de obter, uma vez que a variedade de problemas sociais, urbanos e arquitetónicos, consoante cada conjunto habitacional, cidade, cultura ou país, se torna demasiado vasta.

Para este caso de estudo, foram criteriosamente selecionadas recomendações e soluções a partir de estudos e projetos internacionais e nacionais, consoante os problemas sociais, urbanos e arquitetónicos identificados no Bairro Social de Santa Tecla. Tendo em consideração a população às quais se destinam, estas soluções foram também escolhidas com base na eficácia demonstrada em projetos já executados, e na opinião dos técnicos entrevistados ao longo desta investigação.

Da análise ao Bairro Social de Santa Tecla é possível perceber que se encontra geograficamente bem localizado relativamente à distância a serviços e comércio necessários ao quotidiano da população residente, com uma relativa facilidade de acesso pedonal, automóvel e por transportes públicos. A presença do projeto *Geração Tecla*, da *Casa de culto da Congregação Cristã*, e do *Complexo Residencial Universitário* nas imediações do Bairro, proporciona atualmente algumas dinâmicas sociais positivas, capazes de serem desenvolvidas e mais densamente articuladas entre os vários grupos populacionais que frequentam a zona residencial do Bairro.

No entanto, a organização espacial deste caso de estudo revela graves problemas relativamente às questões de acessibilidade pedonal e automóvel, visibilidade e previsibilidade do espaço. A partir da análise da evolução histórica do tecido urbano envolvente, é possível perceber que ao longo dos anos após a sua construção, o Bairro vai sendo encerrado pela envolvente mais próxima de edifícios e muros de limite de terrenos vizinhos. Este encerramento revela-se ainda mais grave por encerrar um *bairro social* espacialmente organizado em *cul-de-sac*, uma vez que desta forma o Bairro fica isolado entre traseiras de edifícios, provocando a segregação espacial e social, exponenciando-se mutuamente.

Atualmente, o Bairro é um lugar evitado pela população bracarense em geral, quer em percursos pedonais ou deslocações em automóvel, devido aos problemas relacionados com o tráfico de estupefacientes, entre outros mais relacionados com estigmas sociais. Ao longo dos últimos anos este lugar tem vindo a tornar-se dos principais focos de tráfico de droga na cidade. O facto de o Bairro ser maioritariamente habitado por população de etnia cigana contribui para a negatividade da perceção que os não residentes têm do Bairro, uma vez que ainda estão presentes na sociedade portuguesa alguns preconceitos e desconfiança relativamente a esta etnia, maioritariamente associados a marginalidade. Desta forma estimula-se a negatividade genericamente associada ao conceito de *bairro social*, o que contribui para a desvalorização da imagem do Bairro. Esta imagem negativa é interiorizada pelos moradores do Bairro, que afirmam sentirem-se discriminados pelo sítio onde moram, perpetuando assim o “chamado delito de morada”¹.

Este fenómeno provoca repercussões negativas relativamente ao sentimento de pertença ao lugar, diretamente associado ao sentimento de comunidade, e à estima dos moradores pelo Bairro. Esta perceção negativa deste conjunto habitacional, quer para os seus moradores como para a população bracarense em geral, dificulta a eficácia de processos de melhoria, que para o seu sucesso dependem não só de soluções pertinentes como também da participação ativa e interessada da população.

O problema social identificado como o mais grave, tanto pela população residente e não residente, como pelos técnicos entrevistados, é a insegurança sentida por todas as populações questionadas, de forma geral. Esta insegurança revela-se maioritariamente associada à proximidade com o tráfico de droga no bairro, como também à presença constante de toxicodependentes. Segundo não residentes do Bairro a presença de toxicodependentes na envolvente é indesejada uma vez que é associada a assaltos às habitações mais próximas. Como consequência, e também como causa, da insegurança, foi possível perceber a existência de segregação e estigma social entre todas as populações estudadas.

Embora não tenham sido os problemas urbanísticos e arquitetónicos a causa dos problemas sociais identificados, contribuem para a sua perpetuação. Problemas urbanísticos como o isolamento do Bairro pelos edifícios e muros envolventes numa organização espacial em *cul-de-sac*, e problemas arquitetónicos como uma fraca relação entre interior e exterior, facilitam a ocorrência de atos trans-

¹ (Cabrita, António, & Freitas, 2000) p.33

gressivos e negligentes. A fraca visibilidade e acessibilidade física ao Bairro provocam a imprevisibilidade do espaço, dificultando a aproximação de não moradores a este lugar, já desvalorizado por uma imagem muito negativa.

Apesar de variados e com causas e consequências distintas, os problemas identificados no Bairro são possíveis de ser resolvidos a partir destes três princípios:

- O uso livre do espaço público
- A densidade populacional
- A vitalização da comunidade

Estes princípios articulam os pontos em comum dos problemas identificados, numa rede de medidas que se devem complementar, funcionando todas em conjunto.

Mais concretamente, objetiva-se o uso livre do espaço público, que, para tal, torna necessário resolver o problema da insegurança. Para se resolver este problema defendem-se os princípios do aumento da densidade populacional e o da vitalização da comunidade. Por sua vez, o aumento da densidade populacional é potencializado com a implementação de programa e espaço capazes de cativar população não residente. Para a vitalização da comunidade deve-se criar uma rede de contacto social, que é potenciada pela densidade populacional, e pela criação de programa capaz de fixar “personagens públicas”. A rede de contacto social deve também ser fomentada pelo desenho e organização do espaço público capaz de criar situações favoráveis à comunicação entre indivíduos.

Compreendem-se assim as possibilidades espaciais de integração e desenclavagem do lugar na relação com a envolvente, a partir de medidas como a demolição seletiva de partes de blocos edificados e a implantação de uma via de trânsito reduzido pelo meio do espaço do Bairro, para melhorar a questão da visibilidade. Tornando o Bairro mais acessível visualmente estimula-se a previsibilidade do espaço, resultando na diminuição da insegurança. Através da criação de espaços recreativos como a piscina, o campo de jogos, ginásio e sala polivalente cativa-se nova população para o Bairro, contribuindo para uma maior densidade populacional. Com a implementação do projeto *Geração Tecla* em equipamentos no terreno do Bairro, e ao proporcionar espaço potenciador de contacto social, contribui-se para a vitalização da comunidade através de programas de atividades desenvolvidos por técnicos especialistas. Acredita-se que desta forma é possível promover a integração social e a melhoria de condições de vida da população residente através da arquitetura.

Os princípios apresentados foram especificamente estudados em função do Bairro de Santa Tecla, o que significa que podem não ser possíveis de replicar noutra conjunto habitacional que não este. Devido à grande variedade de problemas, causas e tipos de populações e formas de edificado, não é viável conceber soluções genéricas para aplicar em qualquer conjunto habitacional. No entanto, é possível sistematizar uma metodologia de intervenção específica à resolução dos problemas da comunidade, associada ao contexto em que se propõe atuar.